

Às Margens Juvenis de São Leopoldo

Dados para entender o fenômeno juvenil na região*

Hilário Dick (coordenador)¹

Valburga Schmiedt Streck²

Cátia Andressa da Silva³

Maraike Wegner⁴

1 Dr. em Literatura Brasileira, coordenador do Curso de Especialização em Juventude Contemporânea da UNISINOS, coordenador do Programa Juventude do Instituto Humanitas Unisinos.

2 Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia – EST e Pós-Doutora em Psicologia Social pela Universidade de Munique – Alemanha.

3 Estudante do curso de História e colaboradora da pesquisa.

4 Pedagoga formada pela UNISINOS e colaboradora da pesquisa.

* Esse trabalho é fruto, igualmente, do envolvimento de Natasha Maria Wangen Krahn, Alessan Coelho Ramos e Maurício Ivam dos Santos.

Sumário

<i>Um começo de conversa</i>	3
a) O sentido de algumas perguntas	3
b) Conversando sobre o vivido	4
<i>Parte I: Na ciranda dos dados</i>	5
1) O que foi São Leopoldo? E hoje, o que é?	5
1) No campo do Ensino Fundamental e Médio	6
3) A população universitária	8
4) Evolução demográfica e apetitivo dos bairros	9
5) Quartéis e criminalidade em São Leopoldo	10
6) Instituições atuais a serviço da juventude	13
7) Locais de encontro da juventude.....	16
<i>Parte II: Na ciranda das conversas</i>	19
1) A juventude na voz de alguns profissionais que trabalham com jovens	19
2) Visões da juventude com base na realidade leopoldense.....	23
<i>À guisa de conclusão provisória</i>	30
<i>Referências bibliográficas</i>	34
Anexo	
<i>Aspectos do fenômeno juvenil brasileiro: Realidade e valores</i>	35
Uma primeira aproximação	35
Ser jovem	36
Religião	37
Política	37
Trabalho	38
Educação.....	39
Sexualidade e gênero	39
A cultura dos “jovens”	40
À guisa de conclusão: Desafios culturais	41

Um começo de conversa

Esta publicação é uma espécie de “prólogo” de algo que está planejado para ser feito. Move-nos a questão dos valores juvenis, em suas mudanças, na cidade de São Leopoldo (Rio Grande do Sul). A pesquisa está integrada com outras, em nível latino-americano, através da *Red Latinoamericana de Investigadores en Juventud*, com o mesmo objetivo¹. O estudo articula-se com algo “irmão”, que está sendo feito em Santiago do Chile, em Manágua (Nicarágua), em Assunção e em Montevideú. Consideramos “Às margens juvenis de São Leopoldo” como uma “conversa introdutória”, mas necessária. Não desejamos “estudar” uma realidade sem “conhecer” o “ambiente” em que nos vamos deter para observar um fenômeno específico.

a) O sentido de algumas perguntas

O objetivo desta “sistematização” é iniciar uma pesquisa sobre a mudança de valores que os jovens, especificamente os do mundo da periferia, protagonizam na sociedade atual. Isso porque, ao que os sintomas apontam, estamos vivendo um profundo processo de mudanças culturais, afetando particularmente o mundo dos jovens. Tomamos como local de verificação uma cidade

pertencente à “grande Porto Alegre”, no Rio Grande do Sul, chamada São Leopoldo². Além de outros dados relevantes que existam sobre este município, São Leopoldo é conhecida como a região mais violenta do Estado e a região onde morrem, proporcionalmente, mais jovens e adolescentes. Não vai ser uma pesquisa sobre a violência, mas o contexto violento, aliado a outros aspectos, colaborou em nossa decisão por esta localidade.

Com a finalidade de “localizar-nos”, procuramos responder a algumas perguntas. Uma primeira refere-se à história da cidade, sem termos a preocupação de escrever sua história, mas de termos uma noção de sua caminhada, como cidade. A questão juvenil relaciona-se com a “preocupação educativa”. Perguntamo-nos, por isso, sobre a origem dos “colégios” e escolas, o lugar onde as crianças, os adolescentes, os jovens e – de certa forma – as famílias se encontram com seus sonhos de construir uma “sociedade”. Importante, por isso, é dar-nos conta do significado e da situação de estabelecimentos de ensino superior na região. Tudo isso se relaciona com a utopia do povo dessa região ou é um fato que depende exclusivamente de figuras ou instituições isoladas, que sonham com realizações que têm pouco a ver com a felicidade desta coletividade?

1 Esta Rede se constituiu em setembro de 2001 e, no Seminário realizado de 16 a 18 de outubro de 2002, na UNISINOS, ela se definiu como *una red de trabajo que reúne a investigadores en juventud y que tiene como objetivo producir conocimientos sobre la temática juvenil y desarrollar actividades en ese campo de trabajo. Específicamente se trata de conocer la forma de expresión de los valores juveniles en las áreas de educación, trabajo, género, sexualidad, política, cultura y religión.*

Os objetivos que a Rede Latino-Americana de Pesquisadores sobre Juventude definiu, são:

- a) *Producir y difundir conocimientos en temáticas de juventud a nivel académico, gubernamental y no gubernamental;*
- b) *promover y favorecer el intercambio de investigadores, docentes, estudiantes, metodologías, bibliografía y material pedagógico relacionado con temáticas de juventud;*
- c) *fortalecer los vínculos institucionales entre las entidades de la red y fuera de ella;*
- d) *contribuir a la formulación de políticas públicas de juventud en América Latina;*
- e) *desarrollar procesos de capacitación y formación en materia de juventud.*

2 Anexamos a este estudo um sintético diagnóstico sobre a juventude brasileira, chamando a atenção para o fenômeno juvenil mais amplo: brasileiro, baseados em dados de uma pesquisa que consideramos uma das melhores do gênero.

Outra curiosidade “localizadora” e interpretativa refere-se à “geografia dos ‘bairros’”. O porquê das individualidades geográficas escondidas razões que, para ler o fenômeno juvenil, podem ser importantes. Mesmo quando se trata da vivência de valores novos ou velhos, a geografia pode ser relevante. Por isso a necessidade de olharmos – mesmo que de forma ligeira – para a evolução demográfica da região e para características de “bairros”, vivendo e cultivando valores que são frutos daquilo que admitimos como “circunstâncias”.

O fato de uma cidade do porte de São Leopoldo sediar ou ter sediado *três quartéis* de significado, ou o fato de uma cidade como São Leopoldo, ser a sede de um *Seminário Maior* ou de uma *Faculdade de Teologia* de corte luterano, não deixaria resquícios para a população que, de alguma forma, acolhia ou acolhe essas realidades, inclusive de traço juvenil?

Quando se olha tudo isso, uma questão como a “criminalidade juvenil” não pode deixar de ter conotações que precisam ser compreendidas. Por isso é importante, também, percebermos, num primeiro momento, a visão geral dessa “criminalidade” ou dessa “situação juvenil” sendo enfrentada e descrita. Que *instituições* existem, além das escolas e colégios, que procuram atender a aspectos que surgem como necessários para serem trabalhados, visando a uma sociedade mais harmônica e feliz? É por isso que procuramos dar uma atenção especial às instituições históricas e/ou atuais que estão a serviço do segmento juvenil da cidade.

Outra pergunta importante – e que vai além de uma mera curiosidade – refere-se aos “locais de encontro” da juventude da região, fora do local de trabalho e da escola. A “sociedade” enfrenta essa necessidade de que forma? A juventude sente-se satisfeita com relação aos espaços de lazer e de encontro? Como se dá isso em São Leopoldo?

b) Conversando sobre o vivido

Num segundo momento, procuramos ir além do simples “ver” e/ou “constatar”. Procuramos pessoas para conversarmos sobre o que gostaríamos de compreender melhor. Realizamos, por isso:

1) Uma “pesquisa de campo”, fazendo *entrevistas* com pessoas selecionadas, registrando suas respostas. Foram entrevistados, assim, vários adultos envolvidos no trabalho com jovens. Estas entrevistas foram gravadas em fitas de áudio e transcritas.

2) *Quatro grupos focais*: dois formados por jovens e dois, por adultos. Quanto aos “adultos”, devido ao crescente empobrecimento, optamos por fazer um grupo focal numa Vila de periferia do município para poder ouvir o que esta população pensa sobre a juventude atual. O grupo contou com a presença de 15 pessoas, das quais treze eram moradores da Vila. A faixa etária deste grupo era de 35 a 67 anos. Um segundo grupo focal foi realizado com diferentes profissionais relacionados, de diversas formas, com jovens.

3) Foram organizados, igualmente, dois *grupos focais com jovens*. Um deles, formado por adolescentes de 13 a 17 anos, provindos do centro da cidade, de um bairro de classe média baixa e de um bairro periférico. O outro constituiu-se por jovens de 18 a 30 anos, oriundos do centro da cidade e por jovens de bairro de classe média baixa. Neste grupo focal, faltaram jovens de periferia. Os critérios básicos eram a representatividade social e o sexo. É importante observar que foi o grupo mais difícil de ser formado devido, aparentemente, à agenda das pessoas que convidávamos.

É esse conjunto de “dados” que apresentaremos a seguir, tendo sempre em vista que objetivamos estudar a mudança de valores que os jovens de São Leopoldo, especialmente, os da periferia estão vivendo, ou não.

Parte I: Na ciranda dos dados

São vários olhares, visando a uma melhor localização. A pretensão não chega ao “científico”: sonha-se com um “vistaço” sob vários ângulos, julgados iluminadores.

1 O que foi São Leopoldo? E hoje, o que é?

Antigamente, São Leopoldo – conhecida como o “berço da imigração alemã no Rio Grande do Sul” – tinha uma população com outros tipos de “moradores”. Os primeiros moradores da região foram *os índios kaigangs*, que se opuseram de diferentes formas à vinda dos 4.856 imigrantes alemães, entre os anos de 1824 e 1830. Havia, também, outros moradores, especialmente escravos negros que se localizavam na Feitoria do Linho Cânhamo onde se encontra, atualmente, a Casa do Imigrante. A questão das terras a serem ocupadas pelos imigrantes foi, sem dúvida, a fonte dos maiores conflitos dos recém-chegados da Alemanha com essas populações autóctones. Foi, igualmente, muito tumultuada a oficialização dos lotes, considerando as sesmarias e os donos delas. Além disso, deram-se, aos poucos, “concentrações ambíguas de terras”. Como informa Janaína Amado (p. 84), em 1870, 50% dos proprietários eram donos de 71 a 82% das terras da Picada Verão, Ferrabraz e Bica.

Interessante perceber que – segundo historiadores como Petry (Leopoldo) – o maior adversário dos “invasores” foi o cacique João Grande. Reunira, em torno de si, vários índios, assaltando e matando o que podia³. De 1824 a 1853, vieram da Alemanha 1.309 famílias, num total de 6.144

pessoas. Dentre eles, 1.347 eram solteiros. Considerando que havia 4,6 filhos por família e que 20% teriam de 14 a 29 anos, teríamos um total de 1.760 moradores considerados “jovens”. Como escreve Amado, “os moradores de São Leopoldo (eram) extremamente jovens em seu conjunto – 53,8% tinham menos de 20 anos de idade, 72,8%, menos de trinta, em 1845”⁴. Em 1842, 37,0% da população alemã teuto-brasileira tinha de 10 a 30 anos. O mesmo vale para os anos de 1848 e 1850⁵. Embora o aspecto juvenil não apareça nesta história dos imigrantes, é necessário dar-nos conta de uma afirmação de um dos “colonos” de situação econômica média, com 38 anos de idade (1870), preocupado com o futuro e sabendo que a volta para a Europa era impossível: “os velhos que conheço têm razão. Eles são muito sábios e muito conhecedores da vida, estes ditos velhos”. (...) E continuava: “... mas eles são velhos e já estão passando para a outra vida (...) e o mundo aqui embaixo é dos moços, como os meus filhos Carlos e Pedro e as minhas filhas Elizabet, Carolina e Ana, e a mais nova de todas, a Ana Carolina” (Amado, p. 97-8). Estávamos 36 anos após a chegada da primeira leva de imigrantes.

Dados econômicos e culturais

O fato é que a cidade de São Leopoldo cresceu muito, principalmente em dois aspectos: o econômico e o cultural. São Leopoldo é, hoje, com 180 anos, a décima economia gaúcha. Percebemos que, 140 anos depois da chegada dos imigrantes (1963), apesar de todas as dificuldades enfrentadas, havia, na localidade, 20 lojas de calçados, 19 olarias, 7 metalurgias, 8 indústrias de

3 Para ter mais pormenores, leia-se PETRY, Leopoldo. *São Leopoldo berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul*. 2. ed. São Leopoldo, editado pela prefeitura de São Leopoldo, 1964, p. 24 et seq.

4 AMADO, Janaína. *A revolta dos Muckers*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p.43.

5 AMADO, Janaína, op. cit., p. 119.

borracha, 4 curtumes, 8 cerâmicas, 27 fábricas de calçados e 22 de artefatos de couro. Hoje, evidentemente, são muito mais. São Leopoldo, neste momento, é o 11º colégio eleitoral do Estado. É, também, um centro geográfico e econômico da região metropolitana de Porto Alegre, possuindo (segundo os dados do IBGE e fontes oficiais do município) cerca de 202. 000 habitantes em seus 103,10 km² de área total.

Culturalmente, o município também cresceu muito. Além de seus estabelecimentos de ensino para crianças, adolescentes e jovens, em 1969 ela podia ver implantada, em sua geografia, uma Universidade.

Dados geográficos

São Leopoldo limita-se com os municípios de Novo Hamburgo, Portão, Canoas, Sapucaia do Sul e Gravataí, e situa-se na região nordeste do Rio Grande do Sul. Fica a 34 km da capital do Estado, Porto Alegre. Segundo dados da revista *Rua Grande* (edição 1934, ano 38, de 18 a 31 de julho de 2003) possui 24 bairros, 152 vilas, 93 praças, 1.789 ruas e 63 avenidas, por onde circulam seus moradores. Entre eles, 80.000 são estudantes e mais de 18.000, idosos com mais de 60 anos. Em São Leopoldo, vivem mais de 10.000 pessoas

abaixo da linha de pobreza, mesmo sendo o terceiro município gaúcho para investimentos. É o nono município mais populoso do Estado.

2 No campo do Ensino Fundamental e Médio

No momento atual, 57% das crianças e adolescentes do município, com mais de 14 anos, estudaram, no máximo, até a quinta série do Ensino Fundamental. Cento e vinte e oito delas estão em situação de rua. 95,6% dos habitantes de São Leopoldo são alfabetizados e, em 2003, foram feitas 34.274 matrículas no Ensino Fundamental, em 67 estabelecimentos de ensino, públicos e particulares. No total, São Leopoldo possui 41.881 estudantes, nos níveis fundamental e médio e 2.166 professores, divididos também nestes níveis. Nas 23 escolas estaduais, estão matriculados 20.598 alunos, servidos por 969 professores. Nas 10 escolas particulares do município, trabalham 413 professores, tendo nas salas de aula 3.950 alunos. São Leopoldo possui 33 escolas municipais, com 784 professores para 19.773 alunos. Não consideramos, nestes casos, a situação da Pré-Escola.

	Ensino Médio			Ensino Fundamental			Pré-Escola		
	Matrículas	Docentes	Estabelec.	Matrículas	Docentes	Estabelec.	Matric.	Docentes	Estabelec.
Escola Pública Estadual	6380	336	12	14.214	633	23	338	15	8
Escola Municipal	-	-	-	17.337	784	33	2.436	118	36
Escola Particular	1.218	173	10	2.723	240	11	487	44	14
TOTAL	7.598	509	22	34.274	1.657	67	3.261	177	58

Antes...

Em seus inícios, boa parte da história das instituições educacionais, em São Leopoldo, gira em torno de uma falta de tradição de “escola”, junto aos índios e caboclos. Isso se foi modificando, aos poucos, sendo importante a tradição que os imigrantes alemães carregavam consigo. Em 1870, num total de 14.103 habitantes, havia 1.868 estudantes e 43 escolas. Embora os evangélicos luteranos tenham criado, desde cedo, formas de

alfabetizar e educar as crianças e os jovens, o primeiro “colégio” que apareceu e fez história foi o *Ginásio Imaculada Conceição*, em 1869, por iniciativa dos jesuítas. Em 1903, este Ginásio tinha 268 internos.

Conceição

Um colégio de grande significado para a história de São Leopoldo, portanto, é o Colégio Conceição, fundado em 1869 e fechado em 1912,

após 43 anos de existência. Funcionava no local onde, mais tarde, surgiria a Universidade do Vale do Rio dos Sinos. O *Conceição* ou, como era chamado, o *Colégio dos Padres*, foi inaugurado em 03 de outubro de 1869. Como diz Bohnen⁶,

não havia grande esperança de aumento de alunos, porque a comunidade protestante já tinha uma escola, cujo diretor era o Pastor Borchard. Freqüentavam-na também alunos católicos. Alunos externos, provindos das colônias, não era preciso esperá-los, devido às distâncias demasiado grandes. O impasse foi resolvido como que por um condão de magia, quando vários colonos resolveram entregar seus filhos aos padres como internos. Com efeito, no dia de Santo Inácio, de 1870, apareceram os primeiros internos.

Em 1872, chegaram da Europa dois reforços humanos muito importantes: os padres Jacó Rathgeb e Luiz Sarrazin, ambos jesuítas. Na abertura do ano letivo, eram vinte e cinco os alunos. Um mês depois, subia para trinta e cinco, e mais tarde, atingia quarenta e três. Somando-se a estes os externos, encerrou-se o ano letivo com cento e vinte alunos. Entre os trinta e cinco alunos, havia três ingleses (protestantes). Um dos alunos foi despedido, porque já completara 17 anos e não se entrosava bem com os mais jovens. A comunidade de alunos era formada por descendentes de alemães, por adolescentes vindos do Uruguai e por meninos de vários estados brasileiros. Com o passar do tempo, a maioria dos alunos era luso-brasileira.

Jeito de educar

Algum tempo depois, o Colégio Conceição era comparado ao Ginásio Nacional Dom Pedro II, do Rio de Janeiro. Assim como no Ginásio do Rio de Janeiro, fervilhavam no Colégio Conceição, jovens dedicados aos estudos, acompanhados pelo controle disciplinar e pelo entusiasmo pedagógico dos jesuítas. De 1901 a 1910, foram concedidos, a 67 alunos, os títulos de bacharel, já que agora o colégio, em sua condição de “ginásio”, poderia dar tal diploma.

Outro mote orientador dos jesuítas era o de “mente sadia num corpo sadio”, *mens sana in corpore sano*. Prezavam, por isso, a prática de esportes para sua juventude, além de manterem uma rotina rígida que deveria ser cumprida obrigatoriamente todos os dias. Tal rotina diferia em horário, no verão e no inverno. Quanto aos jogos, eram abundantes e variados, tais como “bandeira”, “barra”, “rounder”, “perna de pau”. Em 1910, formou-se um time de futebol, denominado *Conceição Foot Ball Club*. Este time ficou famoso a tal ponto que era convidado a competir com escolas como o Instituto São José, dos Lassalistas (Canoas) e o Colégio Anchieta (Porto Alegre), e com times como o Internacional e o Grêmio.

Conflitos

Os jesuítas foram acusados, não poucas vezes, de severidade exacerbada e de “crueldade” contra os alunos. Sempre se defendiam, afirmando serem calúnias. Dizem que, uma vez, certo padre teria dado “tapinhas” em um aluno, porque este estava ameaçando outro colega com uma faca. Alguns pais deram fé e, segundo os jesuítas, distorceram a realidade, não distinguindo entre fato e boato.

O episódio dos *muckers*, no Ferrabrás, também abalou os ânimos dos membros do Colégio Conceição. Os padres conseguiram que as aulas não fossem interrompidas, mas sabemos que os alunos e os pais deles eram, muitas vezes, perturbados pelos sectários “rebeldes”. Corria um boato que os *muckers* iriam invadir São Leopoldo e destruir o colégio⁷... Para coroar a fase dos males que se abatiam sobre o Conceição, devemos recordar a perseguição aos bispos brasileiros de Olinda e Pará, (a “Questão Religiosa”), que levou os dois bispos à prisão, por terem suspenso sacerdotes que não queriam deixar a maçonaria. Com repercussão desse fato, espalhou-se a notícia de que os jesuítas teriam que deixar o Brasil.

6 BOHNEN, Aloysio; ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *A atividade dos jesuítas de São Leopoldo*. São Leopoldo: UNISINOS, 1989.

7 A vinda dos jesuítas não deixou de significar, desde os seus inícios, uma “ameaça” para diversos setores da sociedade do local, quer políticos, quer ideológicos, quer religiosos. Isso fica mais evidente na explosão da revolta dos *muckers* e no que isso significou, para os jesuítas, na condução do Ginásio Conceição.

Fechamento

Em 1911, os jesuítas fecharam o Colégio Conceição, com 193 alunos internos e 33 externos, tendo havido certa continuidade com o Ginásio São Luís, dos Irmãos Maristas. Nos quarenta e três anos de sua existência, cerca de 2.500 alunos externos haviam recebido, aí, formação intelectual. Contando com os alunos internos, em número de 3.014, o número dos “formados” passou dos 5.000. Os jesuítas, por sua vez, seguiram por outro caminho. Por isso, um ano após o fechamento do Conceição, começaria, no mesmo local, o Seminário Maior e Menor de São Leopoldo, de destino regional, abrangendo os Estados do Sul do Brasil. Este Seminário funcionou até 1959, ano em que ele foi transferido para Viamão.

Os jesuítas, contudo, não pararam. Além de construir o Colégio Cristo Rei (no bairro Cristo Rei) para seus estudantes de Filosofia e Teologia, na antiga sede do Ginásio Imaculada Conceição (no Centro) surgiria, em 1958, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o começo da futura Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1969).

São José

Paralela a essa história há, igualmente, a partir de 1872, a do Colégio São José, das Irmãs Franciscanas, um colégio encabeçado pela Irmã Stanisla, apoiada pelas Irmãs Alvina Ferbers e Ludgera Hellwig. Apesar de ter funcionado no centro da cidade, frente ao Colégio Conceição, transferiu-se mais tarde para a Colina da Hidráulica, no atual Bairro São José. Nascia, assim, o Colégio São José, com duas classes para a juventude de língua alemã de São Leopoldo e arredores. No primeiro dia de aula, em 05 de abril de 1872, as irmãs tiveram a agradável surpresa de verem diante de si vinte e três pequenas alunas, variando entre sete e treze anos de idade.

Sinodal

Os evangélicos (de Confissão Luterana no Brasil), igualmente, tiveram sua tradição educacional. Embora estivessem atentos para a vida esco-

lar das crianças, uma grande preocupação deles, desde 1864, era a formação de pastores. Assim mesmo, apesar de todos os esforços, não conseguiram permissão de criar uma escola nestas terras a não ser nos inícios de 1900. Desde 1909, dedicaram-se ao Seminário Evangélico de Formação de Professores, transferido de Cachoeira do Sul para São Leopoldo, em 1926.

Dez anos depois (1936), inaugurar-se-ia, no Morro do Espelho, junto ao Instituto Pré-Teológico, o Colégio Sinodal. Como escreve o Prof. Willy Fuchs “a escola entrou como uma forma de assegurar a cultura, o ensino da Língua Alemã, pois não tinha quem falasse com os imigrantes. Meu avô recebeu terra em Dois Irmãos, mas não tinha com quem falar. Naquelas áreas de colonização, ou era só alemão, ou só italiano”. Em 1940, surgiria, igualmente por iniciativa dos evangélicos, a Escola Técnica de Comércio São Leopoldo.

3 A população universitária

Considerando os universitários, São Leopoldo conta com 82.732 estudantes. Podemos dizer que 41,5% da população da cidade, como um todo, estudam. A realidade educacional funciona em oito escolas municipais de Educação Infantil; 33 escolas municipais; 35 escolas estaduais; 21 escolas particulares, além de outros cursos. Mais ainda: além dos 30.000 alunos da UNISINOS, o município conta, na sua geografia, com a Escola Superior de Teologia, no Morro do Espelho, com 2.518 alunos/as.

São Leopoldo sedia a maior universidade particular do Brasil. Fundada em 1969, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS possui um *campus* com 90,55 hectares de terra, 391 salas de aula, 144 laboratórios, 45 cursos e habilitações, cursos de pós-graduação, 31.358 alunos (março 2003), 1047 professores e 1252 funcionários. Além de tudo, é uma grande concentração de “jovens”, considerando que 80,7% deles têm de 17 a 29 anos. 5.035 destes jovens estudantes são de São Leopoldo.

Em relação à proveniência dos alunos (2003/1), segundo os municípios de origem, o quadro é o seguinte: Canoas, 1.934; Esteio, 1.314; Novo Hamburgo, 2.380; Porto Alegre, 7.408; São Leopoldo, 5.035; Sapucaia, 1.474. Com mais de 500 alunos, estão os municípios de Bento Gonçalves (505), Cachoeirinha (500); Gravataí (833) e Montenegro (685).

Olhando a origem dos alunos por *regiões* do Estado do Rio Grande do Sul, vemos que, do Vale dos Sinos, vêm 14.170 alunos; do Vale do Taquari, 699; da Região das Hortênsias, 473; do Vale do Paranhana, 16; da Região da Serra, 1481; da Região do Litoral, 543; da Região Metropolitana, 8.715; do Vale do Caí, 1.680; e da Região Centro Sul, 283. (As outras regiões têm número bem menor).

4 Evolução demográfica e aperitivo dos bairros

Dando uma olhada na evolução da densidade populacional de São Leopoldo, verificamos que, enquanto, de 1970 a 1980, houve um crescimento populacional de 34,3%, de 1980 a 1990, este crescimento foi de 41,6% e, de 1990 a 2000, de, somente, 13,2%. Assim como a cidade foi grande receptora de migrantes do interior, de 1970 a 1990, o mesmo não sucedeu na década de 1990. Esse fato esclarece, possivelmente, um dado sobre a população juvenil. É bem provável que a vinda de estudantes universitários para São Leopoldo, na década de 1970 a 1980, foi bem mais significativa do que na década posterior. De 1970 a 2000, São Leopoldo cresceu mais de 66,0% em população.

Ano	1970	%	1980	%	1990	%	2000
Pop. Geral	64.433	Cresc. de 34,3%	98.093	Cresc. de 41,6%	167.969	Cresc. de 13,2%	193.547
Pop. Jovem de 15 a 24 anos	28.941	44,9%	31.982	32,6%	47.104	28,0%	51.995

São Leopoldo tinha, em 2003, 21.727 adolescentes de 12 a 17 anos, e 26.895 jovens, de 18 a 25 anos. Tinha, também em 2003, 157.955 habitantes de 10 anos ou mais. Os analfabetos eram 6.950, sendo 1.362 jovens de 15 a 24 anos. No mundo rural, moravam somente 652 pessoas. São Leopoldo tem 104 Associações e Entidades registradas no COMDEDICA. Destas, 19 estão relacionadas com crianças e adolescentes. Só o PROAME se refere a “crianças de 15 a 18 anos”⁸.

Dos bairros de São Leopoldo, Feitoria é o histórico berço da imigração alemã, sendo o bairro mais numeroso, com 34.378 habitantes. Os outros bairros mais numerosos são Arroio da Mantega, com 17.464 habitantes, Santos Dumont, com 16.113 e Scharlau, com 14.435. O bairro Rio Branco é um forte pólo de desenvolvimento in-

dustrial; o bairro Fião é conhecido pelos seus eventos sociais, sua vida comunitária, tendo um comércio em expansão. É vizinho dos bairros Cristo Rei, Padre Reus e Vila Vicentina, esta com atividades de lazer, esporte e filantropia, que beneficiam seus moradores. Ali também se localiza uma escola de tradição chamada Castro Alves, um padrão de estabelecimento escolar na região. O bairro Scharlau é possuidor de reconhecida pujança socioeconômica. Com estrutura, rede escolar padrão, clubes sociais e de serviços, o bairro Scharlau tem tradição e receita de trabalho e desenvolvimento. É o maior bairro da zona norte, cortado pela RS 240 e pela BR 116. Outro bairro antigo e tradicional é o bairro Rio dos Sinos (o mais antigo bairro da cidade), pequeno em área territorial, mas com uma população que gira em

8 A **diocese de Novo Hamburgo**, à qual São Leopoldo pertence, conta com 1.132.272 habitantes, é formada por 23 municípios, onde vivem 98.351 adolescentes de 12 a 17 anos. Estudam na UNISINOS 10.736 pessoas dessa diocese, o que significa 30,6% da população estudantil da Universidade.

torno de 7.500 pessoas, com indústrias, lojas comerciais, prestadoras de serviços e escolas, além de atividades sociais que contribuem com a construção de um município forte.

Conforme um dos entrevistados, que trabalha com jovens de alguns destes bairros, podemos ter uma noção das diferentes juventudes que há nas diversas Vilas. Quanto mais próximo do centro, mais a juventude tem acesso à cultura urbana; quanto mais longe, mais ela mantém os traços culturais de sua etnia; quanto mais longe do centro, mais organizada é a juventude; quanto mais próxima do centro, mais desorganizada e mais violenta.

Num levantamento rápido sobre as Vilas da zona norte da cidade de São Leopoldo, feito pelo entrevistado, temos o seguinte quadro:

- 1) *Vila Santa Marta* – É onde existe o grupo de jovens mais organizado. É um bairro que fica mais longe da cidade e há menos problemas de drogas. Temos aí uma “juventude sóbria que não é ligada à igreja, mas que se reúne”. Os jovens sofrem para sobreviver e, ao mesmo tempo, são mais acessíveis. Os únicos grupos de jovens que funcionam aos finais de semana, geralmente aos sábados à tarde, são os grupos de jovens das igrejas. Na Vila Santa Marta, é comum ver grande parte dos moradores dirigindo-se, nesse horário, para as igrejas pentecostais.
- 2) *Novo Sinos* (próximo à BR 116 e ao centro) – Os jovens desta Vila estão vinculados à igreja, gostam de cantar, têm banda. É uma juventude mais agressiva, que vive mais o comercial, querendo estar incluída na moda. A música dela é o *pop*. Há adolescentes extremamente rebeldes e mal-educados, que não gostam de religião.
- 3) *Vila Campina* – É a zona mais antiga com muita influência da imigração alemã.
- 4) Na *Vila Brás* (entre Novo Hamburgo e São Leopoldo), a gurizada é mais doida. São jovens que se espelham mais no perfil do jovem do centro da cidade. Fazem questão do *hip hop* ou do *pop rock*. A juventude é fes-

teira, mas é conhecida pela violência e pelo tráfico de drogas. Isso faz com que, muitas vezes, seja discriminada e não encontre emprego. Quanto ao consumo de drogas, há um índice alto, mas o ponto de consumo não é necessariamente dentro da Vila. Quanto ao tipo de droga, o *crack* é, atualmente, a droga mais barata e comercializada. Observemos que, nestes bairros, há menos negros e predominam os descendentes de alemães. A música dos bailes é tocada por “bandinhas”.

- 5) *Arroio da Manteiga* é um dos bairros mais pobres da cidade e o segundo mais populoso. Mais de 20% de seus moradores estão entre a faixa etária de 14 e 28 anos de idade. Não possui áreas de lazer nem espaços de cultura para a juventude, além de não contar com nenhuma escola de Ensino Médio.

5 Quartéis e criminalidade em São Leopoldo

Quartéis

O reconhecimento do município de São Leopoldo é incompleto, caso não se situem nele o significado de três tipos de quartéis, instituições que lidam diretamente com jovens. Em São Leopoldo, até 1966, funcionavam três: o 8º Batalhão de Caçadores (hoje 19º Regimento de Infantaria), inaugurado em 1922, o I/6º Regimento de Obuses 105 e a 6ª Companhia de Comunicações (que se transferiu em 1966). Pelo 19º RI, passaram, de 1999 a 2003, 1.200 soldados. Dezoito deles aderiram à carreira militar. Dos 1.200 militares, oito tinham o 3º grau completo, 228, o 2º grau completo, 632 estavam fazendo o 2º grau e 134 tinham o 1º grau completo. 60,3% deles eram católicos, 25%, evangélicos e 9%, espíritas. Os soldados eram oriundos de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Campo Bom, Montenegro, Sapucaia e Esteio. É evidente que instituições desse porte mexam com a cidade e, conseqüentemente, com a realidade juvenil da região.

Criminalidade

Quanto à história da criminalidade em São Leopoldo, é interessante lermos em Leopoldo Petry⁹ que ela sempre apresentou um coeficiente quase insignificante. De 1835 a 1865, verificaram-se, na região, apenas cinco crimes de morte e ferimentos graves, praticados por imigrantes, sendo três deles por questões políticas. Bem outra é a situação atual, quando São Leopoldo é conhecida como a cidade mais violenta de todo o Estado do Rio Grande do Sul, especialmente na morte de adolescentes.

Verificamos que, em número de óbitos de adolescentes de 12 a 17 anos, por causas externas, São Leopoldo se destaca. 77% dos óbitos de jovens são por causa externa (acidentes, assassinatos...). Nos últimos 15 anos, houve um aumento de 50,0% desse tipo de mortes. Em Alvorada (conhecido como um município de muita pobreza e de periferia violenta), este número, por ano, é de 12 adolescentes; em Canoas (bem mais numerosa que São Leopoldo), é de 15; em Gravataí, é de 13; em Porto Alegre (com quase 2 milhões de habitantes), é de 63. Em São Leopoldo, com menos habitantes que Canoas e muito menor que Porto Alegre, o número de óbitos é de 19.

As ocorrências na Brigada Militar (em 2003), envolvendo jovens de 14 a 29 anos, acontecidas no Bairro Feitoria (o bairro mais populoso), no Bairro Centro e no Bairro Scharlau, foram em número de 231. 61,3% delas ocorreram no Centro; 22,9%, no Bairro Scharlau e 16,0% no Bairro Feitoria. Destacam-se os furtos simples, a desordem e o furto qualificado. As ocorrências envolviam, ainda, o roubo (9,9%), o tóxico (6,9%), o porte ilegal de arma (5,6%) e, em proporção menor, danos e lesão corporal.

A face jovem da violência em São Leopoldo tem traços muito específicos. “O envolvimento de jovens em crimes na região é bastante significativo”, afirma o coronel Evaldo Gomes, da Brigada Militar. “Na grande maioria destas ocorrências, há a participação de dois ou três menores e de um adulto, que geralmente encomenda o cri-

me” (como é o caso dos furtos de veículos). Afirma o comandante do Batalhão de Polícia Militar, que “cerca de 80% das pessoas presas pela polícia na região tem menos de 21 anos de idade”, havendo um aumento de 22,6% no número de adolescentes que respondem por atos infracionais no Vale do Sinos.

Diz Carmen Silveira de Oliveira, pesquisadora do assunto, que “a criminalidade registrada em São Leopoldo está intimamente ligada ao tráfico de entorpecentes”. “O uso muito pesado de drogas diferencia São Leopoldo de municípios de igual porte. Ele se aproxima de Porto Alegre e de Caxias do Sul, com consumo principalmente de cocaína e de *crack*”.

O sistema penal gaúcho está passando por um processo de juvenalização. Em torno de 53% dos adolescentes gaúchos, que cumprem medidas socioeducativas com restrição de liberdade na FASE (antiga FEBEM), são usuários de drogas e estão sob tratamento de desintoxicação. Para Carmen Oliveira, “os jovens são um reflexo do meio social” e “a redução da violência juvenil passa necessariamente pela efetivação de políticas públicas, o que significa um ensino público atraente e de qualidade, medidas de geração de emprego, acesso a planejamento familiar e elaboração de programas voltados a famílias em vulnerabilidade social”.

Segundo dados da FASE, instituição sediada em Porto Alegre, 26,4% dos seus internos são oriundos da Comarca de Novo Hamburgo (à qual São Leopoldo pertence). O Juizado da Infância e da Juventude desta cidade atesta que, entre os 12 municípios da Comarca de Novo Hamburgo, São Leopoldo colabora com 40,9% dos internados. Acrescentando um outro dado, podemos ver que a cidade de Novo Hamburgo, com mais habitantes, colabora com 27,1%.

Pesquisando o jornal *Vale do Sinos* (que abrange todos os municípios do vale do Sinos, mas com ênfase em São Leopoldo), de janeiro e fevereiro de 2003, percebemos um possível retrato de como a sociedade ou a mídia olha a juventude e

9 São Leopoldo – Berço da Colonização Alemã do Rio Grande do Sul (2º volume). Editado pela Prefeitura de São Leopoldo.

de “como anda” a juventude. Fica patente que a maioria das notícias que envolvem os jovens (de 15 a 29 anos) está na página policial. A percentagem é de cerca de 40,0%. Em janeiro de 2003, as ocorrências com jovens, noticiadas pelo jornal sobre fatos relacionados com os jovens de São Leopoldo atingem 39,3%. As notícias “sociais” (não falando da percentagem das fotos de moças e jovens) referem-se ao campo afetivo-sexual, à questão teórica da drogadição, ao “mapa da gandaia”, a debates sobre algumas situações (idade penal, evasão escolar), à projeção de alguns jovens, a um encontro de enxadristas e à vida escolar universitária. De resto, nesses dois meses, há 7 notícias de jovens que mataram ou foram mortos; 12 notícias de jovens que assaltaram ou roubaram; 7 notícias de jovens que foram feridos ou que se afogaram.

A sociedade em busca de soluções e respostas

Instituições criadas, em São Leopoldo, para atender adolescentes e jovens abandonados foram o Educandário da Cruz Vermelha Brasileira (1950), o Centro de Cultura e Caridade Medianeira, explorando o lixo da cidade (a partir de 1958), o Lar da Menina São José (1959) e a Granja do Menino (fundada em 1961).

Recordamos que, em fevereiro de 1965, uma reportagem do jornal *Folha da Tarde* dizia que (contrastando com a afirmação de Leopoldo Petry, de 1964) “São Leopoldo reconhecidamente sempre foi o maior foco de delinquência juvenil na região industrial, principalmente, da proliferação de sua zona de meretrício, onde o tráfico de tóxicos se desenvolve de maneira incessante.”

Uma das formas que a sociedade leopoldense encontrou para responder às inquietações juvenis foi a implementação de espaços de lazer, com a Sociedade Orpheu, a Sociedade Recreativa União, o Clube Náutico Iguassu, a Sociedade de Caça e Tiro São Leopoldo, o CTG “Tio Lautério” e a Sociedade Ginástica São Leopoldo. A última, fundada em 1885, tem como fim desenvolver a cultura física da juventude leopoldense, por isso merece destaque.

Outras entidades que envolvem partes do mundo juvenil leopoldense, são a Câmara Júnior de São Leopoldo e a Orbis Clube de São Leopoldo, encarnando a preocupação da formação de um clube para rapazes que lhes conferisse um verdadeiro ideal de companheirismo e se constituísse numa escola de responsabilidade e serviço. O Orbis foi fundado em junho de 1963. Estávamos na década de 60, década importante nas manifestações de descontentamento dos jovens em, praticamente, todas as partes do mundo. Neste mesmo ano (1963), com finalidade diversa, mas integrada na mobilização estudantil brasileira (foram os melhores anos da União Nacional de Estudantes), fundava-se, igualmente, a Federação dos Estudantes Universitários do Vale do Rio dos Sinos. Já existia, nesta época, o Centro Acadêmico Balduino Rambo (criado em 1956) e o Diretório Acadêmico Fernando Ferrari, com suas atividades protagonizadas pelos estudantes.

6 Instituições atuais a serviço da juventude

Numa olhada sintética para as instituições que se preocupam, atualmente, com jovens e adolescentes, em São Leopoldo, destacamos algumas. Embora os dados não acentuem as realidades juvenis na perspectiva protagônica de jovens, podemos ter uma idéia de como anda o relacionamento da sociedade leopoldense com a situação atual da “juventude”, na dimensão do respeito (ou não) ao protagonismo juvenil.

6.1 O ASPA – prevenção contra a AIDS

O ASPA é o único órgão da região do Vale do Rio dos Sinos que atua com Aids. É formado por uma turma mista de estudantes universitários, especialmente vinculados à Faculdade de Teologia dos luteranos, situada no Morro do Espelho. A entidade participa, entre suas iniciativas, das discussões das políticas públicas, fazendo parte do Conselho Municipal e Estadual de Saúde. Às vezes, não é convocada, mas faz “ouvir sua voz” e procura agir. O ASPA possui vários projetos, que citamos a seguir.

REDUÇÃO DE DANOS – Visa a prevenir doenças. O trabalho é feito, basicamente, com dependentes químicos da cidade e da região. Em São Leopoldo, existem cinco áreas onde se realiza esse trabalho: Vila Paim, São Miguel (2), Vila dos Tocos e Vila Santos Dumont. Na Vila Duque, está começando o trabalho. Se um dos “usuários” do projeto demonstra interesse por algum tratamento, os agentes do ASPA procedem encaminhamentos tanto para clínicas quanto para a realização dos testes de DST/AIDS, hepatite, tuberculose, gravidez, etc. A maioria dos usuários que fazem as “trocas”, têm entre 20 e 30 anos.

DESENVOLVENDO REDES DE SUSTENTABILIDADE – Antigamente o ASPA era formado por uma turma de amigos que se reunia e realizava esse tipo de trabalho. Atualmente, visa a estruturar a organização: reformular o estatuto, mudar o logo, firmar objetivos mais concretos para a organização, etc. O ASPA realiza um curso de capacitação para DST/AIDS e voluntariado com profissionais da área, sob o respaldo da Escola Superior de Teologia, do Morro do Espelho.

A PREVENÇÃO VAI À ESCOLA E AO TRABALHO – O ASPA atende escolas de toda a região, realizando oficinas com todas as turmas dos colégios que são capazes de atingir, desde a Pré-Escola até o Ensino Médio. Para cada faixa etária, é feita uma abordagem diferenciada. Os jovens de hoje, em geral, já são bem informados sobre sexualidade e AIDS, porém pouco informados sobre as DSTs. São visitadas, em média, duas escolas por mês, com o objetivo de prevenir e formar multiplicadores.

SOLIDÁRIOS DA NOITE – Visitam bares e casas noturnas para a divulgação dos projetos. Não dão palestras, apenas dizem rapidamente quem são e o que fazem e se mostram à disposição para eventuais dúvidas ou curiosidades. Não querem chamar a atenção, já que, geralmente, tratam de assuntos delicados.

MULHER: PREVENÇÃO E RESPONSABILIDADE – São grupos de conversa sobre sexualidade. Como esse assunto se esgota com o

tempo, reflete-se não somente a questão da AIDS, mas, segundo a realidade dos grupos, abrem-se discussões sobre temas diversos. Existe um grupo de mulheres no Morro de Paula que já se encontra há cerca de três anos. O objetivo desses grupos é de as próprias mulheres se organizarem e fazerem as articulações com a sociedade civil. Esses grupos geralmente acontecem em comunidades carentes que possuem um alto índice de mulheres portadoras do vírus da AIDS.

6.2 O Conselho Tutelar

O Conselho Tutelar de São Leopoldo é formado por uma assistente social e cinco conselheiras. A função do conselheiro é requisitar serviços; as visitas deveriam ser feitas por um/a assistente social. Devido aos poucos recursos, o conselheiro acaba representando o papel do psicólogo, do assistente, do pai, da mãe, entre outros.

Para que seja realizado um atendimento completo existe muita burocracia. O Conselho só pode prender em flagrante, caso contrário, os conselheiros podem ser processados. O trabalho do Conselho também fica dificultado pela falta de políticas públicas ou de programas que atendam crianças e adolescentes.

Em média, são feitos 25 a 30 atendimentos por dia. Na sua maioria, são problemas de comportamento, problemas escolares, de adaptação e familiares. São atendidos mais casos de meninos do que de meninas. A população atendida é de até 16 anos, embora o público-alvo seja de 8 a 15 anos. Acima dessa idade, são considerados infratores e, em geral, já estão na rua. Já aprenderam a ler e “viram gente”, não dependendo mais dos pais. Meninas com 15 e 16 anos possuem problemas relacionados com prostituição e gravidez.

A população atendida é, na sua maioria, dos bairros do Rio dos Sinos, da Vila dos Tocos, da Vila Vicentina, da Vila Paim, da Vila Duque, Feitoria e Santos Dumont. Os atendimentos na zona norte vêm aumentando. São realizados poucos atendimentos no Centro. 80,0% dos pais que procuram o Conselho não sabem o que fazer com seus filhos.

Muitos vizinhos e parentes omitem os fatos, ao serem questionados. Existem casos em que a mãe e o padrasto espancam seus filhos, mas as crianças, com medo, não denunciam. A propaganda feita na mídia para incentivar a denúncia de maus tratos, juntamente com o aumento da pobreza e a falta de recursos, tem gerado um número maior de denúncias.

Enquanto realizávamos este levantamento, estava nos planos da entidade a construção de uma casa para o tratamento da drogadição, com verba provinda da Prefeitura Municipal. Nessa casa, serão ajudadas 56 crianças e adolescentes (12 meninas e 44 meninos) que usufruirão de um atendimento completo: escola, cursos especializados, etc. O adolescente ficará interno até que seja reintegrado na sociedade. Segundo o parecer dos que estão envolvidos neste trabalho, para que esse projeto tenha bons resultados, é de suma importância que se trabalhe a família, sendo necessário uma presença educativa junto aos pais para melhor prepará-los a fim de acompanharem seus filhos.

Também existe um projeto para que seja criado um novo Conselho Tutelar na zona norte da cidade, onde os casos vêm aumentando. Acreditamos que os serviços de atendimento deveriam se localizar nas próprias vilas, pois assim poderia ser iniciado um processo de reconstrução das suas histórias e das suas comunidades.

6.3 O Programa Escolinhas Integradas

O Programa Escolinhas Integradas (PEI) é uma iniciativa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e tem como objetivo a promoção da prática criativa da integração com a comunidade, por meio de programas de educação continuada, atividades culturais e serviços à comunidade, definidos pela prospecção e pela avaliação das demandas sociais internas e externas. O PEI recebe crianças e adolescentes com idade entre 7 e 18 anos, por meio de cinco núcleos de atuação. Cada núcleo corresponde a uma equipe de acadêmicos de diferentes cursos que se integram para formar as equipes que atenderão a estas crianças e adolescentes. Estes grupos são divididos em três ca-

tegorias: mirim, cuja idade varia dos 7 aos 11 anos; pré-adolescentes, dos 11 aos 14 anos, e o grupo dos adolescentes, dos 14 aos 17.

Os adolescentes e as crianças chegam ao programa pela indicação das escolas e instituições ligadas ao PEI, ou por inscrições na própria UNISINOS. As ações são desenvolvidas em forma de oficinas interdisciplinares, tendo o esporte como eixo estruturador. O objetivo central é contribuir para a formação integral e contínua dos acadêmicos da UNISINOS, oportunizando a vivência do esporte de forma crítica e reflexiva, contribuindo para o exercício da cidadania, construindo e disseminando os conhecimentos produzidos com vistas a influenciar significativamente no processo histórico da comunidade envolvida. Pela potencialização de diferentes modalidades, alicerçadas nas quatro áreas de atuação do PEI (arte e cultura, sociedade e comunidade, saúde e meio ambiente e o esporte), são estruturadas as oficinas esportivas. Nelas se pretende problematizar o esporte como fenômeno social, oportunizando às crianças e adolescentes aprendizagens significativas que visam à construção e ao exercício da cidadania, tendo como base o desenvolvimento da saúde do indivíduo e da sociedade.

6.4 O PROAME – atendimento ao menor

As atividades desenvolvidas por este programa referem-se a quatro situações:

- 1) **Prevenção primária** – “Educação, diversão e arte” – atividades realizadas na COHAB Feitoria e na Vila Duque Velha. Esse programa tornou-se uma política permanente adotada pelo PROAME, permitindo a realização de diferentes projetos. Trabalha com o protagonismo juvenil e comunitário, inclusive com mulheres. O objetivo não é formar atores ou artistas, mas formar uma base de adolescentes que possam ser um grupo de apoio. Uma atividade desenvolvida no projeto é a das oficinas específicas, como, por exemplo, a de arte com material reciclado onde se produzem instrumentos musicais de percussão.
- 2) **Situação de rua** – É um espaço que se baseia na educação social de rua e na abordagem dos

130 (aproximadamente) crianças e adolescentes que trabalham ou moram na rua. É realizada uma oficina por semana com essa clientela. De dois em dois anos, é feita uma pesquisa para analisar a situação dessas crianças e adolescentes. Também são realizados encaminhamentos daqueles que possuem problemas com drogas, violência, infração, que são vítimas da negligência familiar, entre outros.

3) Violência doméstica – É um conjunto de atividades que se realizam nas escolas públicas (estaduais e municipais). Não há uma intervenção direta, mas são formados grupos de apoio.

4) Fazendo Direito – “Orçamento Criança”. São atividades que visam a captar todas as arrecadações destinadas a essa faixa etária e controlar sua aplicação, bem como corrigir diretrizes e falhas do orçamento. Foram realizadas oficinas de capacitação sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente em Porto Alegre, Canoas e São Leopoldo.

Cinquenta por cento das crianças e adolescentes em situação de rua no município de São Leopoldo são da Vila dos Tocos. Essas crianças e adolescentes, em sua maioria, são os provedores da família, pois trabalham desde os seis anos, explorados pelos próprios pais. Em vista disso, apresentam alta defasagem escolar, diretamente relacionada com os valores da família.

Existe um projeto do Banco do Brasil em parceria com a Caixa Econômica Federal que abrange a faixa etária dos 16 aos 24 anos. Para ingressar nele é necessário que os candidatos estejam no Ensino Médio. É difícil achar jovens que estejam na escola, pois as necessidades nessa fase da vida mudam. É preciso trabalhar, e muitos ainda não possuem a experiência que um emprego requer, ou seja, muitos projetos destinados a essa faixa etária não levam em consideração a realidade.

Existe, igualmente, o projeto Pelotão Esperança, realizado em parceria com um dos quartéis de São Leopoldo. Ele não possui profissionais qualificados. As pessoas que trabalham no projeto, punem com sanções disciplinares qualquer atitude considerada “errada”, já que os participantes são considerados jovens “normais” e disciplinados. Os jovens chocam-se com uma realidade diferente da rua, com horários e disciplina. Muitos deles não permanecem no projeto por não se adaptarem.¹⁰

6.5 O PRUMO – saúde coletiva

O Programa Unidades Móveis de Saúde Coletiva (PRUMO) é um programa de extensão vinculado ao Centro de Ciências da Saúde da UNISINOS, com participação da Unidade de Ciências Humanas. Há 10 anos, atua diretamente no cotidiano de cinco comunidades de São Leopoldo: Santa Marta, Parque Campestre, Parque Mauá, Santa Helena e Santa Ana. Na Santa Marta, existem dois grupos de trabalho: um de mulheres e outro de adolescentes de 12 a 15 anos. No grupo de mulheres, participam muitas mães com 16 anos ou mais. Elas já são tratadas como mulheres pelo fato de já terem um filho. Precisam de uma orientação diferenciada da atribuída às jovens meninas que não tiveram seu primeiro filho. O objetivo desse grupo é o de estreitar o vínculo entre mãe e filho(a). Com os meninos, é trabalhada a questão do esporte, atividades práticas, etc. É comum que as meninas das camadas populares tenham seu primeiro filho já com 15 anos, ou até menos. Para elas, “engravidar” significa deixarem de ser crianças, saírem da escola e tornarem-se mulheres. É como se fosse uma espécie de *status*.

Essas meninas não têm a crise da adolescência, tão frequentes nas classes média e alta. Elas não têm tempo para isso, não têm perspectivas de uma vida melhor com as quais se confrontarem. Em vista disso, também não sonham. Na in-

10 Como publicações do PROAME, destacamos: *Criança e adolescente: Futuro no presente* – Cartilha para meninos e meninas; *Maus-Tratos e abuso sexual contra crianças e adolescentes - Uma abordagem multidisciplinar*. Série Cadernos CEDECA, 1997; *Crianças e adolescentes em situação de rua*, Série Cadernos CEDECA, São Leopoldo/RS, 2002; *Pesquisa: O perfil da escola frente à violência doméstica e ao abuso sexual de crianças e adolescentes*. Série Cadernos CEDECA/PROAME, São Leopoldo, 2003.

fância, elas possuem a boneca que é o objeto pelo qual demonstram afeto, já que, em casa, sofrem negligências e abusos múltiplos. Quando chegam à idade dos 12-13 anos, não brincam mais de boneca e produzem seu objeto de afeto. Um dos fatores que faz com que não existam grupos de apoio para jovens com idade superior a 18 anos, é o fato de que, nessa idade, eles já estão trabalhando e não podem freqüentar esse projeto, que ocorre, geralmente, durante os dias úteis, em horário comercial.

6.6 Serviço de Atenção, Pesquisa e Estudos com Crianças e Adolescentes (SAPECCA)

É um projeto da UNISINOS que visa a uma intervenção interdisciplinar na comunidade da Vila Brás de São Leopoldo. Tem como objetivo desenvolver um trabalho integrado entre a Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a comunidade, visando a contribuir na construção e no exercício da cidadania das crianças e dos adolescentes. O papel social que se propõe é contribuir efetivamente, para que os adolescentes consigam alternativas de sobrevivência, proporcionando conhecimentos, pela ação educativa, sobre o mundo do trabalho, podendo capacitá-los por meio de cursos profissionalizantes e pré-profissionalizantes. Outra função importante do programa é contribuir para a elaboração, execução e investigação de políticas sociais da infância e da adolescência, junto a órgãos públicos e privados. Nele trabalham professores de diversos cursos da UNISINOS e acadêmicos dos cursos de Serviço Social, Psicologia, Educação Física e Filosofia. O SAPECCA já existe desde 1995. Atualmente, atende a cerca de 60 adolescentes e jovens, entre 14 e 18 anos.

A Vila Brás é um bairro pobre de São Leopoldo, com cerca de 13 mil habitantes. Para uma demanda tão grande, existe apenas uma escola que

atende 1.560 alunos. Existem muitas crianças que estão na lista de espera. Os encontros ocorrem na Associação do Bairro em três turnos semanais. Lá são realizados projetos diversos, levando em conta a interdisciplinaridade, trabalhando com dança, teatro, música e esportes. São abordados, igualmente, temas como sexualidade, saúde... entre outros, que estejam relacionados com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Muitos dos participantes possuem dificuldades de leitura e escrita, ou seja, a maioria dos alunos é considerada analfabeta (variando nos níveis). O abandono escolar também é comum, havendo uma desmotivação em freqüentar a escola, embora sejam motivados a participar dos projetos promovidos pelo SAPECCA. Percebemos um problema grave no processo de ensino-aprendizagem que é muito difícil de ser solucionado devido à sua complexidade.¹¹

7. Locais de encontro da juventude

Os locais de encontro da juventude em São Leopoldo têm mudado, acompanhando a tendência de todos os centros urbanos no contexto brasileiro. Se antes a cidade era mais pacata e possibilitava a seus habitantes uma rua principal para passeios à noite, agora se torna um lugar menos acolhedor. Os comerciantes mantêm as vitrines fechadas à noite, com medo de assaltos, e as pessoas se sentem menos seguras para caminhar pela “Rua Grande”. Os cinemas há muito tempo cerraram suas portas e o único Shopping Center da cidade também fechou, e, com isso, não há mais cinemas na cidade¹². Na “Rua Grande”, há muitos bingos e muitas farmácias – um sinal evidente de que algo vai mal. Para os jovens há vários locais de encontro no centro da cidade. A maioria exige que o jovem possua algum dinheiro para consu-

11 Fica patente que as instituições que têm como objeto a “juventude”, num sentido mais estrito (18 a 30 anos), praticamente inexistem em São Leopoldo. É exceção parcial (nestas seis instituições), o ASPA. Embora se preocupe com “jovens”, boa parte de suas atividades se orienta para “adolescentes”. Não queremos dizer que deixam de ser “boas” e “necessárias”, queremos alertar para o fato de o “jovem” (18 a 30 anos) se encontrar, praticamente, desassistido. A própria UNISINOS, em vez de montar serviços para sua clientela majoritária, atua “fora” da faixa etária à qual pertencem seus “alunos”.

12 Estamos falando de 2003 e 2004. Houve mudanças, depois.

mo, mas também há a praça ao lado do ginásio. Ao fazer um levantamento sobre estes locais, percebemos que eles se dividem conforme a classe social e a idade de seus freqüentadores. Um outro fato mais recente é que uma grande dance-teria foi aberta para jovens que vêm de bairros da periferia. Isso tem mudado muito o perfil das noites em São Leopoldo, pois centenas de jovens de classe baixa invadem o Centro à noite, causando insegurança para quem reside no local.

Como locais de encontro, distinguimos boates e bares com música ao vivo.

a) Boates

Destacamos três:

1) **Bar: Expresso 356.** Nesta boate, o público-alvo são secundaristas e estudantes universitários da classe média de 15/16 a 25 anos. A música é som mecânico, predominando o *hip hop*, a modinha do momento. É um bar muito conhecido em São Leopoldo; quase uma “marca-registrada” da adolescência leopoldense. Há festas variadas, conforme o dia da semana. Terça-feira: Balada universitária; quarta-feira: Digue Band; quinta-feira: “confirmada” geralmente com shows ou Festa “Mulher Brasileira em Primeiro Lugar” com entrada liberada até a meia-noite, somente para mulheres e com cerveja também liberada. Ao permitirem a entrada dos homens, as mulheres fazem um “corredor polonês”, para beijar quem passa. Na sexta-feira: show com alguma banda. É uma noite não muito freqüentada; sábado: festa com DJ em que o público-alvo são os adolescentes de 16 a 18 anos; domingo: *Talk Show*, com os Formigos. É uma noite em que há jovens de todas as idades.

2) **Bar: Factory Beer.** Nesta boate, a maioria dos freqüentadores tem de 18 a 30 anos. Pessoas mais velhas também vão ao local. O público-alvo são os universitários e os assalariados das classes média e alta. A música é som mecânico, conforme ambiente. Na boate, existem duas pistas de dança: uma onde toca todo tipo de música (isolada) e no restante do espaço toca, em grande parte, som techno (eletrôni-

co). No Pub, sempre se apresenta uma banda ao vivo, o que possibilita um ambiente mais descontraído para conversa entre amigos. É um local conhecido para um *happy hour*. Há também o ambiente externo, na calçada, com mesas e serviço de garçom.

3) **Bar Bistrô.** É a maior dance-teria da cidade, destinada a um público de 14 a 24 anos, da classe baixa. Há quatro pistas de dança: vane-rão (gaúcho, ao vivo), pagode (ao vivo), funk (som mecânico), e a *rave* (onde toca de tudo, às vezes, é ao vivo, com presença de algum DJ). A entrada é R\$ 10,00, para homens e R\$ 5,00 para as mulheres. Se as mulheres entrarem até a meia-noite, não pagam e podem beber de graça até este horário. No Bistrô tem, geralmente, uma mulher para cinco homens. Jovens que freqüentam o Bistrô disseram que, ao chegarem no bar, a primeira coisa que fazem é dar uma volta para ver se “têm gurias”. “O Bistrô”, dizem os meninos da vila, “é para classe média baixa, é coisa para vila. Lá vão todas as classes, e a gente tem medo. Mesmo as pessoas da vila, às vezes, têm medo. Têm medo da saída do Bistrô, não tem polícia na rua, os da vila batem nos outros, esse é um dos motivos para muitos não irem. Tem uma gangue de 30 a 40 jovens que esperam na rua, eles tiram o boné e o tênis das pessoas, não pegam dinheiro. Não é um assalto, são pessoas das torcidas”. É importante observar que os integrantes da gangue são, na maioria da Vila Esperança, Boca da Fumaça, Feitoria e da Cohab. A maioria desta gangue é da torcida colorada. Há poucos gremistas. É importante observar que a torcida colorada domina o centro de São Leopoldo. A previsão é de que, com o novo *shopping*, que está para ser aberto em dezembro, no centro de São Leopoldo, a torcida do Grêmio se instale nas imediações como seu local de domínio.

b) Bares com música ao vivo e outros

Bar do André – localizado no centro da cidade para um público universitário de 20 a 30 anos, da classe média alta, com música e *show* ao

vivo. Geralmente, o público é variado. Um jovem diz que “lá é legal!”. “Pessoal mais velho, uma noite diferente, onde não precisa ficar dançando a noite inteira. Gosto de sentar, tomar minha ceva e ficar olhando alguém tocar, ou conversando”. Um jovem comenta: “Pessoal mais cabeça, as pessoas vão mais para curtir música e não tanto para dançar”.

Bar Marrakech – para um público de classe média baixa na faixa etária dos 20 anos para cima. Os jovens consideram que foi um bom bar nos anos 1997 – 1999. A música que tocavam era *pop rock*. “Todo o mundo que ia no Expresso, passava antes no Marrakech. Naquela época, era freqüentado pela classe média e média alta. Como o lugar era muito pequeno, foi feita uma reforma, aumentando o bar. Infelizmente, depois disso, não atraiu mais tanta gente. Para reanimar, trouxeram bandas de estilo *pop rock*, samba e pagode e conseguiram um outro público”.

Bar Atelier – Zumbi – seu público são universitários na faixa de 16 a 30 anos, da classe média. A música é de todos os estilos, desde MPB até *rock*. É um local que só abre às sextas-feiras. O curioso é que é no apartamento de um casal de namorados. Às sextas-feiras, eles “arredam” as cadeiras para o lado e colocam mesinhas de bar. Ocasionalmente toca uma banda, mas geralmente é colocada música pelos donos. Quem quiser também pode levar um CD e pedir para “rolar”. Freqüentado por jovens mais alternativos: lá é um típico local de “conversas filosóficas”.

Nos últimos anos, vem aumentando, na cidade, o número de “cafés” que são um ponto de encontro dos jovens, geralmente à tardinha ou em fins de semana. Mencionamos alguns:

Bar Central – para todas as faixas etárias. Público-alvo: jovens e adultos da classe média alta. Conforme os jovens, há um ambiente acolhedor, onde acontecem atividades culturais variadas.

Bar Favorité – para um público de todas as faixas etárias da classe média alta. A música é mecânica. Oferece um local amplo que inclui cafeteria, loja e cybercafé. É freqüentado por alguns jovens como local de bate-papo, como cybercafé ou para jogar xadrez. Também é uma charutaria e, no fundo do café, há uma área fechada para quem fuma. A loja é uma livraria onde também são vendidos chocolates, charutos e cigarros importados.

Bar Café Rua Grande – para todas as faixas etárias da classe média alta. Oferece música variada. É um local freqüentado por um público com maior poder aquisitivo. Em determinadas terças-feiras do mês, acontece o Sarau Filô dos acadêmicos de Filosofia da UNISINOS. É como uma mostra de talentos que sempre tem um tema base para discussão. Nesse dia, muitos universitários freqüentam o café, inclusive os freqüentadores do Bar Andar de Cima e do Atelier Zumbi.

Postinhos ou lojas de postos de gasolina. Nos fins de semana, os postinhos estão cheios de pessoas jovens que estacionam seus carros cada qual com música diferente. São grupos de amigos que se reúnem para tomar cerveja ou vinho em volta dos carros. Isso tem virado moda nos últimos tempos. O Posto Kauer foi o primeiro dos postinhos a virar encontro de jovens depois que a loja de conveniências abriu. Mencionamos ainda os postos Unisinos e Axial.

Parte II: Na ciranda das conversas

Com esses dados em mãos, partimos para momentos de escuta. Falamos da juventude em geral, entrevistando pessoas da cidade. Fizemo-lo de maneira individual e grupal: entrevistas e “grupos focais”. São “discursos” importantes que vão delimitando marcos e apontando novos horizontes.

1 A juventude na voz de alguns profissionais que trabalham com jovens

Na tentativa de compreender o que é a juventude e de como ela é percebida, realizamos entrevistas com nove diferentes profissionais que lidam com juventude. Fizemos, basicamente, duas perguntas: uma sobre os valores da juventude e outra sobre o sentido de uma pesquisa sobre juventude. Refletindo sobre o que ouvimos, as idéias e posturas são muito diversificadas, como não poderia deixar de ser. Tentamos, inicialmente, fazer um relato fiel destes “momentos de escuta”. Mais adiante, sistematizamos dois discursos: o das entrevistas, comparado com o discurso que apareceu nos quatro grupos focais (com pessoas diversificadas).

A. Do conceito “juventude” ao protagonismo

Na perspectiva de um professor de Filosofia “a juventude é um conceito que contemporaneamente está em crise” (...) “A juventude é um conceito um pouco ideológico, diferente de adolescente, que é um sujeito perdido e confuso”. Ele entra, depois, na questão do protagonismo. “Jovem é um sujeito que passa de uma situação de não-protagonista para a de protagonista. Ele é alguém que faz acontecer. Ele vive. Não é um parasita. Ele propõe coisas para o mundo. Ele é um protagonista”. Em vista disso, ele aponta para

um problema. “Nossa juventude não se põe como protagonista. O que acontece é que temos adolescentes de 20, de 30 anos... Um adolescente espichado” (...) “E, por isso, há uma crise de identidade em nossa juventude (...) o lugar de maior protagonismo que o jovem consegue ter é na delinqüência e aí ele enfrenta as instituições, enfrenta – de uma maneira boba – porque acaba suicidando-se”.

O jovem não sabe qual o seu papel na sociedade. O papel que a sociedade lhe oferece é o de ser um sujeito consumidor ou treinado para que se encaixe na engrenagem de produção. Além disso, a juventude é imediatista. Não faz nada que exija esforços a longo prazo. Apenas busca uma segurança que nunca irá encontrar, “pois é uma segurança montada em cima de algo inseguro, um sistema completamente plástico, furado e inseguro”.

Comparando as gerações, o papel do medo

Diz o mesmo professor que, antigamente, os jovens tinham anseio de sair de casa, de viajar e conhecer o mundo. Isso não representava uma crise na família, pois os pais encaravam isso como algo fundamental para o crescimento do indivíduo. Hoje essa situação mudou. Os jovens não viajam para aventurar-se; são viagens programadas, garantindo uma “experiência profissional”. Saem de casa com passagem de ida e volta garantida. Aos jovens da periferia cabe uma “volta” pela cidade. “Falta ao jovem arriscar mais e não ter tanto medo. O jovem quer tudo e não quer arriscar a perder nada”.

Comparando a juventude de hoje com a do passado (do tempo da juventude do professor), ele afirma que “existem muitas diferenças gritantes. Na minha época, o jovem queria fazer 18 anos e sair de casa para viajar e conhecer o mundo, pedir carona e viajar. Hoje as pessoas não pe-

dem mais carona, têm preguiça de sair. Ir para onde? É sempre melhor ficar onde se está, fumar na esquina e espairar (...) Na minha juventude, o grande lance era viajar para a Cordilheira dos Andes, ir para a Colômbia ou o Peru, mas não para comprar cocaína barata, e sim para conhecer novas culturas”. E conclui dizendo: “De um modo geral, acho que falta ao jovem arriscar-se mais e não ter tanto medo, pois o jovem quer tudo e não quer arriscar-se a perder nada”.

B. O jovem precisa retomar coisas, mesmo num ambiente consumista

Uma professora de Psicologia, mãe de família, tem outro discurso. Tem um consultório particular e atende principalmente jovens das classes média e alta. “Na minha opinião, os jovens estão passando por uma fase em que necessitam retomar uma série de coisas em sua vida, como valores, o seu jeito de ser, suas questões internas. Por parte dos adolescentes (13 a 16/17 anos), há um anseio por coisas novas e por serem entendidos; nos jovens de 18 a 24 anos, percebe-se que há perguntas mais relacionadas a suas práticas profissionais e indagações sobre sua aceitação ou não no mercado de trabalho”. Quanto à sexualidade, vê as relações precoces entre os jovens com bons olhos. “É uma forma de trabalhar a afetividade que existe”. Quanto aos valores, percebe que “a juventude atual agrega mais valores materiais, relacionados com uma ideologia de vida mais imediatista”, relacionados, portanto, a um contexto social consumista e cheio de preconceitos.

C. Será que há muita diferença?

A professora universitária e assistente social inicia sua entrevista dizendo: “Não existem muitas diferenças entre os jovens de periferia e os jovens que não são de periferia. Em termos de consumo, são iguais; em termos de acesso à informação, via TV, eles são iguais”. Aborda, depois, a questão da vivência afetiva e sexual em que se transa só por transar, algo assim como o ato corriqueiro de tomar banho. Esquecendo o que tinha dito anteriormente, reconhece que os jovens

da periferia com os quais lida, “têm a preocupação de querer entender um pouco mais esse mundo, essa vida. Eles têm uma procura muito grande e com muito pouco acesso”. A estética é valorizada e vulgarizada tanto pelo homem quanto pela mulher. O corpo e a sexualidade se vulgarizam. As questões que lhe chamam mais a atenção são a dificuldade de relacionar-se e a falta de solidariedade. “Tudo é instantâneo nesta sociedade globalizada”.

Os jovens da “sua geração” conviviam com um movimento político nos movimentos sociais, diferentemente dos de hoje. Os jovens que estudam na UNISINOS e nas outras universidades particulares, na maioria, trabalham todo o dia, e estão preocupados em adquirir seu diploma e melhorar o salário. É a valorização do ter, pois quanto mais temos, melhor somos. O que é preciso investigar, segundo a assistente, são “as questões da intolerância, da instantaneidade dos relacionamentos, a falta de uma coisa mais duradoura, de construção de algo mais em comum, em conjunto, que fosse mais duradoura”.

D. Jovens, mas manipulados. Estar com eles...

Um educador popular inicia a entrevista, dizendo que “a juventude hoje, é muito apegada – por incrível que pareça – ao próprio fato de ser jovem” (estar unidos, construir grupos, estar juntos, fazer alguma coisa juntos...). Quem é, no entanto, o jovem? “Quando é que somos jovens?” Uma segunda questão à qual se refere é ao poder da mídia, isto é, ao fato de a juventude buscar, na mídia, “coisas para se sentir jovem”. Não é sério o que a TV fala dos jovens. O que vemos são “manipuladores da juventude, querendo arrastar a massa para uma única coisa que acaba sendo a droga, a diversão, a curtidão do outro (...), aglomerando a juventude para outras coisas que não vão trazer benefícios para a sociedade”.

O mesmo educador considera a importância de “estar com o jovem” para construir grupos, estar juntos, fazer alguma coisa juntos. “Gostaria de estar junto à juventude, e não trabalhar junto a ela. Para isso é preciso descobrir os valores dos

jovens e o que eles têm para oferecer. É preciso um empenho maior para o acompanhamento dos jovens, pois eles não precisariam estar abandonados e perdidos pelas esquinas se drogando e se envolvendo em crimes”. Prossegue dizendo que “a juventude é uma das fases mais efetivas, uma das fases em que a gente tem mais gás para fazer, para mudar, e, muitas vezes, somos barrados, porque somos desacreditados, porque a grande maioria dos jovens está nessa questão da insegurança”.

Estudar juventude, para ele, significa “buscar descobrir neles o que eles estão sentindo, o que eles têm para oferecer, principalmente esses mais perdidos que a gente diz que estão aí, mas não têm envolvimento algum, no máximo para jogar uma “peladinha” ou para ficar na esquina conversando ou fumando”.

E. Violência e auto-estima

O coordenador da AMENCAR começa sua entrevista dizendo: “Nunca me vou esquecer do exemplo dos guris que botaram fogo nos índios, filhos de classe média” e conclui: “Não se fala do ‘direito de ter limites’”... A ONG onde trabalha é uma entidade que tem um planejamento, uma organização administrativa e um projeto pedagógico. Comenta que, na história brasileira, a maioria das organizações que trabalha com crianças e jovens na área social vem do campo da assistência social, do serviço social. Muita gente entrou na área do serviço social por caridade, por amor, por benevolência, por precisar de um emprego. Hoje essa situação já mudou muito, mas, mesmo assim, ainda é limitada, porque o nível salarial, nessas instituições, é baixo e porque elas têm uma receita muito baixa. Faltam recursos para essas organizações.

A ênfase, no trabalho deles, é a questão pedagógica, dando a importância para a auto-estima. Trabalham com jovens que se encontram em realidades muito difíceis em que, muitas vezes, não tiveram pai, não tiveram mãe, não tiveram casa, não tiveram comida. Assim treinam os educadores para que possam fazer um trabalho a fim de que os jovens possam recuperar a sua auto-estima.

F. Criatividade e força de vontade

Outra assistente social, mineira, mas residente em São Leopoldo, exalta, como primeiro valor, a criatividade juvenil. “A criatividade no mundo político, no mundo social e no mundo religioso. Eles têm muita criatividade que precisaria ser canalizada”. Acrescenta a esse valor, ainda, “a força de vontade da juventude. Ressalta que esta criatividade acontece, quando lhe é dada a oportunidade para tal e ela se manifesta na convivência com outros, nos estudos, no romper com a própria alienação, ao buscar os valores da família”. E acrescenta: “E este valor não é reconhecido pela sociedade”.

Vivência familiar

Como migrante, acha que precisa ser pesquisada, na juventude leopoldense, a dificuldade de convivência familiar nos dias atuais. Os jovens com 14/15 anos de idade abandonam os lares e preferem ficar longe da família. Isso acontece com jovens de baixa renda, mas também com jovens de maior poder aquisitivo. Por um lado, acontece essa “fuga” e, por outro, aponta que os jovens com mais idade não conseguem sair de casa e ficam morando com os pais. Diz que isso é algo típico do estado do RS e principalmente de São Leopoldo. Ela provém de Minas Gerais e diz que isso não acontece por lá. Lembra sua própria juventude como um caso exemplar de convivência familiar em que havia diálogo entre os pais e filhos e liberdade para poder se realizar.

G. O sentido da convivência, o momentâneo e levar o jovem a se envolver na pesquisa

Um publicitário, professor universitário, inicia falando do valor da convivência juvenil. “... um valor que aparece constantemente é o sentido de convivência, de comunidade e de interação”. Mas não quer falar de qualquer interação. “... interação em torno de questões mais sociais, ideológicas, políticas, estudantis, de categorias profissionais e preferências culturais, estéticas, comportamentais”. Outro valor apontado é a sobrevalorização “em torno do presente, o tempo contemporâneo, o agora. É um valor muito forte”.

Referindo-se à possibilidade de uma pesquisa sobre os jovens, acha importante ouvi-los e fazer com que eles sejam parceiros nesta proposta de pesquisa. “Ver como o jovem possa criar condições, para que ele seja um cara que faça descoberta junto com as pessoas que estejam liderando, conduzindo o processo de pesquisa”. Afirma, ainda que “talvez o maior desafio seja a disseminação de uma responsabilidade sobre o mundo e que não seja sinônimo de uma carência ou de um conservadorismo ou de uma volta a uma lei mais rígida, integrando diversas áreas do saber” (...) “... a área da comunicação tende a ter uma crença muito maior nos jovens em função de que eles, a cada minuto, nos trazem outras perspectivas de como lidar com os meios de comunicação, de como lidar com os afazeres e as estratégias na área da comunicação”.

H. Diversidade, centro e periferia, sede...

Envolvido em ações nos bairros pobres de São Leopoldo, trabalhando com grupos de jovens, o pastoralista entrevistado (metido em atividades artísticas) reconhece que, na questão dos valores da juventude, “existe uma diversidade de opções, de gostos e de relações de cultura no fazer artístico”. Fala dos gostos juvenis do centro e da periferia e acrescenta: “quanto mais o poder aquisitivo, mais fragmentado”. (...) “... o bairro mais padronizado acaba ficando mais no aspecto comercial”. Falando da juventude da periferia, diz que “a gurizada da periferia tem mais sede, mais sede de qualquer coisa. São mais receptivos”. (...) “Culturalmente, é uma juventude que gosta de cantar, que tem banda, que monta”. “Todos os nossos grupos querem montar banda”... (...) “é uma busca de auto-afirmação. Querem seu espaço”.

Negros, rurais, sem história

O pastoralista prossegue: “Aí me vem à mente duas realidades: a densidade da negritude na periferia de São Leopoldo é bem menor que em outras cidades e, em segundo lugar, é uma juventude que vem de uma herança rural, não-alemã, vinda de outras regiões”. “A cidade, para eles, é o

lugar onde eles têm que viver, mas não é o lugar de historicidade. Isso é um problema. Não se cuida do espaço público, não se criam alternativas”. (...) “Tem outra cultura: a gurizada quer saber de baile, embora goste de teatro. Tentamos fazer uma atividade para a gurizada de *pop rock* com a banda “Rebelião”, não deu certo. Atraiu muito mais o baile no outro dia no balanço jovem”. “O que parece novo e paradigmático é que a gurizada que nasce dentro de certas tradições (também religiosas) está cheia disso. Temos, então, uma juventude extremamente rebelde, extremamente mal-educada, extremamente agressiva no falar. São brigões, xingam, mesmo vindo de uma matriz religiosa da família e tal”. Enfim, “é uma juventude que quer festa, que quer curtir a vida, muito novata”. Mais: “A gurizada da periferia quer curtir, quer aproveitar, mas esbarra na necessidade estruturada que não é novidade”.

Violência? O fazer artístico

“A incidência do *crack* é a grande novidade, me parece, na periferia de São Leopoldo, porque é uma droga barata”. E os focos vão surgindo... Pelo viés da igreja, não se consegue chegar até lá. Eles (os jovens das drogas) “criam seus outros espaços de sobrevivência na sobriedade...”

E a violência? Atrás da apelidação de um bairro violento está muito de imaginário. “Quando se cria o mito ou o imaginário social do mal, então nem a polícia entra”. Muita coisa criada pela mídia... “Se tu vires uma juventude que não é do estilo malhação, no sentido de o que está na moda, tu não tens valor”. “O valor da juventude é o valor da mídia” (...) “A juventude é o grande este-reótipo do momento”. “A violência é muito mais produzida do que de fato é” (...) “Mas o jovem procura seu espaço (...) ele tem carência desses espaços, ele precisa do espaço público”.

“Eu vejo que a grande alternativa é a possibilidade do fazer artístico”, mas sem muita institucionalização. “Temos que pensar cultura mais em movimento popular”. (...) “Se vem de dentro, da iniciativa deles, dá certo” (...) “A experiência que a gente tem é que o grande momento de explosão cultural é o fazer a festa”. (...) “O proble-

ma não é o acesso à cultura, mas o acesso aos equipamentos da cultura. O problema é despertar o desejo do fazer essa iniciativa e descentralizar os equipamentos da cultura. A cultura está muito mais no ‘fazer’ do que no ‘ser’, próprio da cultura da modernidade”.

2 Visões da juventude com base na realidade leopoldense

Querendo entender mais a realidade juvenil leopoldense, foram organizados quatro grupos focais: com adolescentes de 13 a 17 anos, com jovens de 14 a 30 anos, com senhoras e pessoas com mais idade de um bairro pobre e com profissionais que, de alguma forma, têm contato com jovens. Foram feitas, basicamente, aos quatro grupos, as mesmas perguntas: De que os jovens gostam? O que pensam da juventude leopoldense? Quais as comparações que fazem da geração atual de jovens com a geração passada? Quais são os valores que movem os jovens de hoje? Em que acreditam os jovens de hoje?¹³

De que gostam os jovens de hoje?

Apresentação

Destacamos as respostas dos adolescentes de 13 a 17 anos e dos jovens de 24 a 30 anos. Fica evidente que se trata de dois mundos distintos. No grupo dos adolescentes, havia 10 provindos de três contextos diferentes: um bairro de periferia pobre (um dos mais pobres e mais conhecidos por sua violência), um bairro de periferia de classe média baixa (difícil de caracterizar) e um bairro da região central, da classe média (de forma muito clara). Quanto ao número de intervenções, notamos que, apesar de ter quatro “delegados”, o grupo de periferia mais pobre foi o que menos falou: 24,0% das intervenções, contra 37% e 38,7% das dos outros bairros.

No grupo de 18 a 30 anos, participaram nove jovens, provindos do centro e de bairros de classe média baixa. A maioria formada por estudantes universitários e trabalhadores que moram com os pais. Duas moças eram mães, uma casada e uma solteira. Ambas moravam com os seus pais.

Participaram do “grupo focal” da Vila Progresso, um bairro bem pobre da cidade, 16 mulheres e um homem, nascidos em 16 localidades diferentes¹⁴, e de várias regiões do Estado, o que remete ao fato concreto da rotatividade nas regiões periféricas. Só duas pessoas eram nascidas em São Leopoldo. A maioria era “lusa”, mas também havia as de origem alemã e italiana. Sete delas eram da “colônia”. É importante mencionar este aspecto, porque é uma característica da Vila. Além disso, o município de São Leopoldo se urbanizou de forma muito rápida, e o espaço para as pessoas de periferia é reduzido.

As mulheres do grupo se referiram aos jovens, dizendo que os “pais dão tudo para eles”, mas eles, os pais, não são levados a sério. Como dizia uma destas senhoras, “vejo os pais dando tudo para os filhos, dentro do possível, e os filhos não dão valor a isso”.

O último grupo focal foi constituído por pessoas adultas que, de alguma forma, trabalham com jovens. Deste grupo participaram oito pessoas, metade homens e metade mulheres, com uma média de idade de 54 anos. O local do encontro foi a Universidade do Vale do Rio dos Sinos. As pessoas eram profissionais: psicólogos, educadores, religiosos/as, pastoralistas, comerciantes, mães – pessoas que tinham alguma relação com a juventude. Algumas delas trabalham em bairros de periferia, podendo fazer observações de jovens de classe média e classe baixa. Cada qual falou de sua experiência no trabalho com jovens e adolescentes que, neste momento, não cabe destacar. Contudo, há afirmações com relação à juventude que são importantes.

13 Estes grupos focais foram filmados e transcrevemos, depois, as conversas dos diversos grupos. Os comentários e sistematizações que seguem obedecem a essa dinâmica.

14 Lagoa Vermelha, Portão, São Francisco de Paula, Porto Alegre, Ajuricaba, Porto Xavier, Novo Hamburgo, Carazinho, Planalto Verde, Canela, Taquara, Igrejinha, Osório, Estância Velha e Nã-Me-Toque.

Entrando na conversa dos adultos

- Um dos participantes do grupo focal de adultos, que se encontrou nos recintos da UNISINOS, o mais novo do grupo, inicia sua apresentação afirmando que está metido no meio de um “duelo”. (...) “o duelo da gente é um pouco o duelo das estruturas da vida eclesial (que é uma estrutura) com a realidade da vida do jovem” e acrescentava: “Uma juventude já distante de nós e impossível de a instituição conseguir acompanhar”.
- Suzana fala de seu trabalho com universitários, mas fora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sentindo a necessidade de se “dedicar àqueles jovens, que não são mais adolescentes”.
- Mari se apresenta como mãe, tendo contato com jovens na escola e com as amigas de seus filhos.
- Edi trabalha com adolescentes de periferia, não ligados à igreja, percebendo que, perto do seu local de trabalho, há um ponto de troca de drogas, meninas prostituindo-se. “Vendo São Leopoldo, você não tem idéia do que acontece nessas periferias”, diz ela.
- Sônia também leciona e sofre com a questão da gravidez precoce. Trabalhando com estudantes, percebe, com surpresa, que os jovens que vinham aos seus encontros “não queriam coisas materiais, mas queriam amor, afetividade, carinho e proteção”.
- Ricardo, o mais velho do grupo, conta sua experiência internacional no trabalho com os jovens, dedica-se, nos últimos tempos, a serviço da paz.

Falam os adolescentes

Na primeira rodada de perguntas sobre *de que os jovens gostam*, no grupo dos adolescentes de 13 a 17 anos, as respostas foram: “gostam de fazer festa”, “fazer farra” ou, como dizia Diego, de 14

anos, “sair com os amigos para se divertir do jeito que consegue”, “de ir ao Bistrô” (boate localizada no centro da cidade, freqüentada, em geral, por jovens da periferia), “ir na casa de algumas gurias conversar”, “agarrar mulheres”, “sair da cidade”, “ir ao Electric Circus, em Portão” (cidade vizinha), “encher a cara, tomando vinho, pé sujo (vinho com coca), cerveja e samba”, “trabalhar e fazer dinheiro para os finais de semana” (um dos jovens disse que fica uma semana dormindo no local onde trabalha), “sair à noite”. Há os jovens que gostam da droga, porque “acham que é legal”, que é bom “para ter experiência”. Na perspectiva deles, os jovens pensam em sair de noite e fazer festa, não tendo grandes preocupações. Importante verificar, também, que um dos adolescentes, provindo do centro, afirmou que se acha “sedentário”, “mais parado” e que “gosta de ficar em casa”, “dormindo no computador”...

A conversa dos jovens é outra

Os jovens de 24 a 30 anos começaram falando sobre *o que gostam de fazer*, locais onde gostam de ir... não falando da juventude, mas da experiência deles/as mesmos/as. Uma delas diz que acha São Leopoldo tranqüila, “com liberdade de caminhar na rua”. Uma jovem afirmou que gosta “de tomar chimarrão no ginásio de esportes”, outra, de “caminhar na Avenida São Borja” (avenida reta e comprida, na região industrial, freqüentada por muitos moradores para a prática de exercícios físicos). Aliás, “os jovens gostam de se divertir na Rua Grande” (a rua central da cidade). Chegam à conclusão de que, porque quase a metade deles ter sido assaltada, na idade deles, não saem mais tanto à noite e, talvez, por isso não acham que exista tanta violência. É verdade que “há muita prostituição e muitos drogados”. Também declarou que “a violência e a falta de opções de lazer faz ficar em casa”.¹⁵

15 Embora perguntados, os grupos de adultos preferiram não falar explicitamente do que os jovens gostam. Disseram-no em outro contexto, como podemos observar.

O que pensam da juventude? Respostas em parte...

Juventude deslocada

Perguntados sobre *o que pensam da juventude*, os adolescentes de 13 a 17 anos destacaram as referências às drogas e à violência. “Usam drogas para usar, para se divertir”; “tem uns que escolhem o caminho errado”; “tudo vira violência, droga...” Falaram da juventude que fica em casa e da juventude da farrá. Ligam violência e droga: “as drogas geram violência” e falam da violência “para nada”. Disseram, também que a juventude “não pensa muito no futuro”, que “o jovem é, às vezes, muito irresponsável”, “só pensam no momento” ou, ainda, que “a juventude de hoje é deslocada”, que o jovem não se preocupa com o futuro, que “não tem um bom ambiente familiar” e que “só pensa em brigar e arranjar confusão”. Interessante foi perceber a reação de Aline (adolescente), da periferia mais pobre (conhecida por sua violência), defendendo seu bairro, dizendo que não é assim como falam.

Brigar por mulher é feio

A violência foi uma das preocupações dos adolescentes de 13 a 17 anos. “Hoje existe muita violência”, “não existe segurança”. Comentaram que há muita violência nas torcidas organizadas, principalmente na saída de bares (como o Bistrô) e que “não tinha tanta gente pobre como hoje”. Falando da amizade, um deles disse: “Se tu tens amigos, qualquer lugar é lugar para te divertir”. Reconhecem que “brigar por mulher é feio”, que “os amigos influenciam muito na opinião”, que o “namoro é no quarto” (não na sala).

Preocupados com o espaço

Os jovens de 24 a 30 anos têm outro discurso. Pensando em espaços de lazer para os jovens, acham que “não existe uma praça decente, não existe cinema nem *shopping* nem teatro”. “Falta área verde para os jovens”, diz alguém. A juventude, pois, está abandonada. Em segundo lugar, a juventude é “exagerada”. Apesar de reconhecer que há violência, “mas não tanta como em outras

idades”, a juventude “é irresponsável”. “Faltam limites para nossa juventude...” E apontaram duas causas: “acho que nossa juventude é o resultado de muita repressão que ocorreu com nossos pais” e que, por isso, os pais não querem dar limites. Acham que faltam perspectivas para a nossa juventude que se encontra muito alienada, que há falta de respeito no trânsito e, principalmente, com os idosos. Outra caracterização que aparece é o individualismo. Segundo a opinião de um dos participantes, a juventude “é muito individualista, não brigando pelo coletivo”. Mais ainda: “Os jovens dizem que prezam a família, mas não demonstram isso nas atitudes”. Assim nossa juventude que “hoje começa a tomar conta do mundo”, ainda se encontra despreparada para isso. Os jovens estão mais preocupados em ter um emprego legal, em estudar e ter chances no mercado de trabalho. “O jovem quer a felicidade, mas pensa que ela não é eterna”. Pára no imediatismo.

Desligados e desestruturados

Outras respostas, no entanto, foram dadas pelas senhoras (de certa forma idosas) da Vila Progresso. Duas idéias são acentuadas de entrada: a alienação e o abandono familiar. Uma primeira afirmação diz que “os jovens são desligados quanto ao estudo, e insatisfeitos”. Outra diz que “muitos jovens sem estudo se prostituem, sendo levados para outro ritmo de vida”. (...) “... não têm estudo e, também, porque os pais não deixam que eles estudem e arrumam um meio de ganhar a vida”.

O debate, entre elas, gira em torno da família: a *desestrutura familiar* que causa a falta de diálogo entre pais e filhos. Dizia uma senhora que “fomos educados para sermos adultos, mas não fomos preparados para sermos pais. Assim as dificuldades são muito grandes em relação à evolução do mundo com vários problemas, como as drogas, o alcoolismo, a prostituição, a violência sexual, que a gente não está preparada para ensinar. Acho que estamos decadentes. Estamos preparados para sermos adultos e não para sermos pais”. Sem estrutura familiar, o jovem não tem

condições de se tornar adulto. Assim os jovens se encontram num ambiente familiar de onde são “jogados para fora” e acabam na rua.

Referem-se, igualmente, ao *diálogo com os jovens*. “Nós não estamos preparados para esse diálogo”. “Nós, os velhos, não evoluímos”. (...) “O diálogo é fundamental”. “Muitos pais não têm tempo de sentar e conversar”. “Sem um amparo, nossos jovens vão-se perder”. No que se refere à *família*, há os jovens que “até dão valor à família e eles querem continuar naquela família, mas não abrem mão da liberdade de irem para uma festa e voltar a qualquer hora. Então, quando a família puxa esse lado, eles reclamam”. As moças, em sua maioria da periferia, com 14 anos, já estão grávidas. Dizia outra senhora que “o diálogo é fundamental, pois quando fomos criadas as coisas eram diferentes. Hoje, a geração de nossos filhos está muito mais avançada”.

Além da família, as senhoras da Vila Progresso apontam para outra dificuldade: *a falta de espaço para as crianças brincarem*.

Consumistas e materialistas, desempregados

Perguntando-se a elas sobre o que é importante para os jovens, a resposta que veio, forte, é que os jovens são vistos como *consumistas e materialistas*. Querem ter uma roupa de marca e fazem de tudo para consegui-la. Empréstam, trocam roupas entre si, pedem dinheiro emprestado... As moças sonham, em geral, em ter um corpo perfeito e querem ser modelos. Hoje as famílias não têm condições de dar ao/à filho/filha o que ele/a, quer, mas se um/a amigo/a tem, ele/ela também quer, tornando-se fonte de meios alternativos de “apresentação”: trocando, emprestando, etc. A mídia massiva domina e induz o jovem a querer roupas de marcas para ter uma identidade. “Vejo que o materialismo e o consumismo estão muito presentes entre os jovens”.

Ressaltaram, ainda, um outro aspecto: a falta de emprego e a falta de trabalho, principalmente para os jovens. Uma mãe comentou que vai com a filha em busca de emprego, mas retornam para

casa sem ter encontrado nada. Conforme os adultos, na sua época, os jovens começavam cedo a trabalhar e a ter responsabilidade. Essa também foi uma preocupação demonstrada pela maioria do grupo, e várias pessoas relataram como começaram a trabalhar cedo para ajudar em casa. Era comum, no meio rural no estado do Rio Grande do Sul, que os filhos, desde pequenos, fossem junto para a roça e ajudassem a família. Dessa forma, os filhos viam os pais trabalhando e aprendiam junto com eles. Também havia o costume de colocar as crianças em casas de parentes abastados ou de outras famílias, para trabalhar. Com o ECA¹⁶, o trabalho infanto-juvenil está proibido e, ao que parece, levanta questionamentos entre os pais. Os adultos acham que os jovens deveriam trabalhar mais cedo, pois têm medo que “se percam na vida”.

Agressividade, espírito batalhador

Os profissionais que trabalham com jovens têm outras respostas. Misturam-se afirmações como “agressividade”, “espírito batalhador”, “falta de amor”, “violência” e “empoderamento”. No início da conversa, disseram que têm a impressão de que a juventude está distante e que os jovens, hoje em dia, são mais agressivos. Sônia ressaltou que, assim como admira “o espírito batalhador do jovem”, também vê uma juventude que “não faz nada”. Vê meninos que se envolvem com problemas de drogas, muitas vezes para ter dinheiro fácil. Os jovens querem curtir o momento e é preciso que assim seja, “mas que isso leve a um futuro saudável”. (...) “Não concordo com a idéia de não construir o futuro”. Edi comentou a falta de amor. É isso que “faz com que os jovens preencham seu vazio com drogas. A falta de afeto gera o medo”. Jaime afirmou que, no passado, “existia uma coisa chamada respeito (não medo) e isso, hoje, não existe mais”.

Sem história

Edinho voltou à carga, falando da forma como os jovens e adolescentes são capazes de

16 Estatuto da Criança e do Adolescente.

ofender seus amigos e colegas, referindo-se, por exemplo, à sua origem de “colonos”. E continuou: “O que acontece com os jovens de periferia é que não acreditam na construção de sua história (muitas vezes, triste), havendo uma tendência, no jovem, de negar essa sua história”. Voltando à violência, o mesmo agente declarou que “os jovens mais agressivos não são os da periferia, mas sim os “boyzinhos”, filhos de professores, trabalhadores da classe média, mais estabilizados, ou até de profissionais liberais, são extremamente agressivos, agitados, mal-educados, vivendo em função do prazer”. Edi insistiu na falta de amor, na falta de sentido pela vida, na baixa auto-estima, preenchendo o seu vazio interior com tudo o que vem de fora. Uma das professoras mostrou-se especialmente preocupada com a sexualidade precoce. “Não gosto desta parte da juventude”.

Quebrar tabus

Ricardo, o mais velho do grupo, concordou “com a juventude em sua necessidade de quebrar tabus”. Por isso não tolera, em seu trabalho, muita hierarquização. O que importa é “empoderar os jovens com auto-estima e com o fato de que eles, realmente, têm valor. Nossa sociedade não valoriza adequadamente a juventude”. Afirmou, ainda, que está de acordo com a luta da juventude. Esta luta é terapêutica. Não está conforme, no entanto, com a manipulação, efetuada, muitas vezes, pela mídia, rejeitando “uma cultura importada e uma cultura que é violenta”.

Uma observação que apareceu, já mais no final da conversa, refere-se ao jovem vivendo no mundo da comunicação. Dizia Edinho que achava que ele era o começo daquilo que hoje é a juventude, porque “eu me acho filho da linguagem comunicativa” e para compreender a juventude “é preciso entrar nessa linguagem”. O mesmo educador lançava, ainda, um outro questionamento: “Será que tudo que é bonito e jovial é da juventude? Será que o jovem é o modelo de pessoa?”.

Comparando as gerações

“Não tinha tanta farra”

Comparando a vida dos *jovens de hoje com os jovens de 30 anos atrás*, os adolescentes de 13 a 17 anos, acham que antigamente os jovens se preocupavam mais em ajudar a família, que “não tinha tanta farra”, que “tinha segurança”, que “não se tinha tanta liberdade”, que o jovem de hoje “é mais revoltado com os pais e tem menos respeito”, que – hoje – “é o pai que tem medo do filho”... Como eles mesmos dizem, “naquele tempo existia o “não”.

Mãe, a melhor amiga...

Se por um lado os jovens *querem* a independência dos pais, por outro percebemos o grande apego a eles na afirmação de que a “mãe é minha melhor amiga”. É o discurso dos que têm de 24 a 30 anos. “Ela (a mãe) sabe tudo o que eu faço e deixo de fazer. Então sei que posso contar com minha mãe e meu pai na hora que precisar, e eles podem contar comigo”. Pedindo uma comparação com a juventude do passado, houve quem dissesse que “antigamente, São Leopoldo era boa para os jovens”, citando a Praça do Correio e da Biblioteca. Hoje os jovens com melhores condições econômicas saem de São Leopoldo para se divertir. “Nossa juventude tem muito mais liberdade”, “temos muitas liberdades...” “Nossos avós eram muito rígidos”. “Minha mãe sempre fala que (como mulher) não teve vez”. “Quando eu era mais nova, sentia que minha mãe tinha medo do meu avô”. Reconhecem que os pais eram jovens na repressão militar e, em parte por isso, “não querem dar limites”.

Havia convenções claras

Se o grupo das senhoras da Vila Progresso, de alguma forma, já expressou seu pensamento com relação às gerações naquilo que pensam sobre os jovens, o grupo dos profissionais que se encontraram na UNISINOS, disseram algo mais. Ao comparar a sua juventude com a de hoje, os adul-

tos declararam que, antigamente, havia *convenções claras* e que, hoje em dia, os limites estão difusos e praticamente não existem mais. Além disso, o jovem de antigamente não tinha liberdade de se expressar e tudo era repressivo. “Minha juventude era muito reprimida”, diz uma das senhoras participantes, “e acho que nós nem éramos autênticos. Gosto da autenticidade dos jovens de hoje”. Ela afirmou, contudo, que, nos tempos passados, havia mais possibilidade de verdadeiras e permanentes amizades. Antigamente, vivia-se mais de convenções. “Um jovem normal devia responder àquilo que a família e a sociedade transmitiam. O que era passado era valor para a sociedade”.

Edi, voluntária da obra social da Vila Progresso, apontou para o relacionamento superficial. “Acredito que deveria existir um meio termo. Se antes tudo era errado (pecado), o que se vê, agora, é uma libertinagem. Falou-se bastante da questão emocional e das “ficadas” onde – se der, dá, se não der tanto faz – e isso gera solidão. Os vínculos, atualmente, se dão com pouco compromisso”. Susana, psicóloga, concordou com sua colega e disse sofrer “vendo esta solidão da juventude”. Diz, mais ainda: “Todos dizem que é lindo ser jovem; mas a juventude sofre muito”.

A questão dos valores

No levantamento que fizemos dos *valores* que os adolescentes de 13 a 17 anos afirmavam ter ou assumir, destacam-se, em primeiro lugar, a amizade, a família, o respeito e a sinceridade. Afirmadas com menos intensidades estão a vida (no sentido de ter casa, comida e lazer), a união e a fé. Em terceiro lugar, aparecem o colégio e colegas de estudo.

Quanto aos *valores* diz uma das representantes do grupo dos 24 aos 30 anos, falando de juventude, “acho que, de repente, falta um ideal”. Outro reafirmou a mesma idéia, mas de outra forma: “Acho que nossos ideais são trabalhar para ganhar dinheiro e, se preciso, passar por cima dos outros”. Família? Embora Sandra, mãe solteira, fale de uma redescoberta da família, depois de grávida, “família, dentro do núcleo pai, mãe e filhos, não é primordial para a juventude”. E acrescenta: “Eu já

sabia que o casamento não iria acontecer”. Mais: “não existe mais o amor eterno”.

Pensando um pouco mais sobre os valores, foi elaborada, inicialmente, uma lista de valores importantes para o grupo. O resultado, sem nenhuma reação mais avaliativa nem uma postura frente a estes valores, resultou numa relação de 11 valores: meio ambiente / ecologia, humanismo / a preocupação com o próximo, transparência nas relações de amizade, a sinceridade, as amizades em geral, a religiosidade, a esperança, a alegria entre os jovens, a família, a busca pelo conhecimento. Cátia, uma das participantes, afirmou que faltava colocar nesse conjunto a questão do idealismo. “Eu sou uma pessoa muito idealista”.

Levando, depois, o grupo a escolher três valores que considerava fundamentais, dentre esses que foram citados e outros, a combinação ficou tendo o seguinte quadro: O valor afirmado com mais intensidade (37,0%) foi o humanismo / preocupação com o próximo; em segundo lugar, apareceram a alegria e a vontade de viver e a esperança (22,2%); em terceiro lugar, a família; em quarto, a transparência, o meio ambiente e a sensibilidade.

As pobres insistem na religiosidade

No grupo das mulheres da Vila dos Tocos ou Vila Progresso, em relação à questão dos valores (família, igreja, governo...), a questão que se afirmou com clareza foi a da *religiosidade*. A questão da religiosidade foi vista como um aspecto importante na vida do jovem. Uma grande parte das pessoas do grupo era de igrejas neopentecostais, e uma mãe relatou sobre as dificuldades de seu filho, dizendo que, no momento em que se deu conta do problema, “eu percebi e comecei a dar mais atenção e a conversar com ele”. Assim, “muitas vezes, nós os criticamos por eles fazerem isso. (...) “a juventude é muito julgada sem que se conheça os jovens, sem sentar para conversar com o jovem”. Na opinião de uma mulher evangélica, o jovem recorre à religião para fugir de certas situações em que vive. A religião oferece para ele o que a família e outras instituições não oferecem.

Uma outra opinião sobre a religiosidade é que “o jovem dá importância à religião e recorre a Deus, quando está em uma situação difícil, mas não vai à igreja”. “Eles precisam de uma religião, de uma igreja”, dizia Laura. A senhora Gislaine afirmava que “o jovem procura, sim, seguir a Deus para fugir de uma situação em que ele se encontra”. (...) “Vejo que é fundamental para todo o ser humano ter o seu credo religioso, porque se trabalhamos, se estudamos, se caminhamos é que Deus nos permite isso”. Já uma outra pessoa, da Igreja Católica, acrescentava a questão da espiritualidade (...) “muito procurada pelos jovens”. O que importa, dizia, é “tratar o jovem com amor, carinho, conversar. Daí eles se convencem que é bom o que a gente está falando”. O que acontece é que “a gente não pensa na juventude. Se tivesse mais chances profissionais, não haveria tanta marginalidade na rua; se houvesse mais chance profissional, eu tenho certeza que eles não teriam tempo para estar na rua, fazendo essas coisas”. E isso não vale só para a periferia. “Existem muitos jovens que têm tudo e mesmo assim saem de casa, porque lhes falta algo de dentro e vão buscar fora”.

E os jovens acreditam?

Perguntamos, também, sem muita explicação, *em que acreditam os jovens*. O que mais apareceu, no grupo dos 13 aos 17 anos, foram os amigos, a família e Deus; em segundo lugar, o estudo (para ter futuro) e a paz; em terceiro lugar, um mundo melhor com mais justiça e o diálogo. A resposta de Diego (14 anos), da Vila Braz, um dos bairros mais pobres de São Leopoldo, merece um destaque especial. Disse ele: “Acredito em mim, e olhe lá. Hoje eu acredito, amanhã não sei. Acredito no hoje; prefiro acreditar no real, no que eu tenho. Tenho uma certa insegurança com tudo”.

Fez-se a mesma pergunta ao grupo dos 18 aos 30 anos. Afirmaram-se oito realidades: a crença nas pessoas, a crença nas amizades, a crença na felicidade, a crença no amor, a crença que se traduz como esperança (as coisas podem melhorar), a crença na possibilidade de transformar o mundo (citando-se, de modo especial, o papel da educação nessa questão), a crença em Deus (força maior que transmite uma certa paz e segurança, sendo muito preocupante uma juventude que está perdendo a espiritualidade), a crença na família.

À guisa de conclusão provisória

Tendo em mãos esses dados, há considerações gerais que já podem ser feitas com relação à situação juvenil de São Leopoldo.

Primeira consideração

- 1) A cidade de São Leopoldo da atualidade é fruto de uma violentação histórica. Não foi pacífica, por exemplo, a chegada dos imigrantes alemães. Os “nativos” não foram “considerados”; pelo contrário, as únicas alternativas, para eles, foram: a) a fuga para outras regiões; b) a submissão ao “invasor”; c) a morte. Ninguém perguntou se os “novos chegados” poderiam instalar-se nessa região. O que valeu foi uma decisão do Império, com seus interesses nem sempre explicitados, embora se falasse, naquela época, da necessidade de “branquear” o Brasil.
- 2) Os imigrantes, por sua vez, embora fossem postos diante de uma nova oportunidade, tiveram que enfrentar uma situação adversa, não rara, dramática. Recordemos a motivação subjacente de um fenômeno como o dos *Muckers*. Além de virem para uma região desconhecida, sem muita chance de voltar aos seus países de origem, sofreram um abandono “oficial” por parte das entidades brasileiras, que pode ser conhecido pelos relatos existentes.
- 3) Já chamamos a atenção para a proporção juvenil dos imigrantes. É evidente que nem todos foram “adultos”. A percentagem juvenil foi muito grande, com todas as conseqüências (boas e más). A sociedade e as igrejas, em São Leopoldo e em outros lugares, preocuparam-se, durante muito tempo, somente com as crianças. Veja-se o caso das escolas. Praticamente, só depois de 55 anos após sua vinda a São Leopoldo, aparece um “ginásio” cuja preocupação era diferente da preocupação com as crianças. Por isso a importância que deve ser dada ao Ginásio Conceição. Isso não pode ser considerado “normal”. Não pode ficar esquecido, também, o fato de o Ginásio Conceição ser aceito, “na marra”, como instituição educativa.
- 4) Podemos dizer que São Leopoldo, assim como outras civilizações “colonizadas”, sofreu e sofre um problema social de violentação. Arriscamo-nos a usar um vocábulo forte, com uma conotação muito rica: o estupro. Não se trata somente de um coito forçado, mas da imposição violenta de uma situação social. No caso de São Leopoldo (pensando em juventude), temos vários fatos, mais específicos que o fato genérico da imigração. Aliás, a imigração não significou um estupro, porque o imigrante não só praticou o ato e foi embora, mas permaneceu. Há casos, no entanto, de ato social de estupro muito evidentes:
 - a) grande parte dos “meninos” que vinham estudar com os jesuítas, formavam-se e iam embora;
 - b) com a substituição do Ginásio Conceição pelo Seminário Menor e Maior Nossa Senhora da Conceição, os jovens seminaristas vinham, se formavam e iam embora;
 - c) com a implantação de três quartéis na cidade, os jovens soldados vinham, cumpriam sua missão e iam embora;
 - d) o mesmo sucedeu e sucede em outros aspectos: 1) os estudantes de Teologia do Sinodal, conhecidos como os estudantes do Morro do Espelho, vinham de muitas partes, formavam-se e iam embora; 2) os estudantes de Filosofia e Teologia (dos jesuí-

tas) vinham de muitas partes, formavam-se aqui e iam embora. 3) a própria Universidade do Vale do Rio dos Sinos não pode ser considerada como resultado de uma caminhada da sociedade leopoldense. Ela “invadiu” a cidade... Veja-se o número de alunos que “passam” na cidade e depois vão embora. A maior percentagem de alunos, aliás, é de fora da cidade. De São Leopoldo (dos quase 30.000 alunos), somente cerca de 6.000 são da cidade; 4) a implantação da indústria do calçado e das metalúrgicas significou a vinda de muitas famílias e jovens para São Leopoldo, com a diferença de que, em geral, não vinham para ir embora, mas para ficar. O que mereceria ser estudado é a forma como são tratados os operários nestas fábricas.

Num estudo do fenômeno juvenil, são dados que não podem ficar em segundo plano. Pode não ser um caso referente somente a São Leopoldo, mas que seja um fato que interfira na realidade dos jovens, portanto não pode deixar de ser considerado.

Segunda consideração

Um outro aspecto chama a atenção nos dados sintéticos que conseguimos elencar: a maioria das iniciativas são, “para” os jovens, problemáticas, não tomando em consideração a juventude como uma categoria capaz e que seja impulsionada, ela mesma, a tomar as suas iniciativas. Neste caso, historicamente, destaca-se a Sociedade Ginástica São Leopoldo. A juventude da sociedade leopoldense começa a manifestar-se, visivelmente, com certo protagonismo na década de 1960, na perspectiva social ampla e estudantil. A década de 1960, aliás, divide-se nas duas tendências: assim como florescem iniciativas “para”, articulam-se iniciativas “de”. As iniciativas “de jovens” sempre tiveram suas dificuldades. Observemos que foi somente no final da década de 1970 que os estudantes da UNISINOS conseguiram deflagrar uma primeira greve.

Preferem-se as atividades “para jovens e adolescentes”. Isso vale tanto na dimensão “assistencial” como na dimensão “eclesial”. Foram raros os momentos em que a juventude leopoldense encarnou um protagonismo juvenil. Veja-se o que aconteceu no movimento estudantil e o que sucedeu na UNISINOS com os “grupos de universitários”, que sonharam com certa autonomia. Mesmo atualmente, os “grupos de jovens” que desejam caminhar com mais autonomia, têm grande dificuldade. Preferem-se aqueles nos quais os adultos não perdem o controle da “movimentação”. Isso vale para todas as igrejas.

Terceira consideração

Mesmo a título de introdução e de hipóteses, considerando o quadro da cidade de São Leopoldo, há outras reflexões que podem ser formuladas. Embora nosso objetivo seja a pesquisa sobre a mudança de valores na cidade de São Leopoldo, queremos lançar algumas hipóteses para a compreensão da violência neste município.

- a) Toda cidade, especialmente as grandes metrópoles, é violenta. Basta citar o trânsito agitado e perigoso (que mata), as pessoas que não se conhecem e que não confiam umas nas outras. A cidade é o lugar em que se concentram os problemas sociais (desemprego, vício, atitudes contrárias na ética e na moral...) A luta de ricos e pobres fica evidente, porque os dois moram em lugares definidos. Possibilita o encontro das contrariedades (lazer, negócio...). O povo da periferia não acha “lugares de encontro” na periferia e, por isso, existe o nomadismo para o centro. Embora haja periferias ricas, o agressivo mostra-se nas periferias pobres: falta de luz, de água, de lugares de lazer, falta de esgoto, etc.
- b) As cidades, capazes de controlar o ingresso dos “arruaceiros”, vivem numa “paz” aparente, forçada por medidas policiais. Controlam a “mistura” de espaços, especialmente de lazer. As cidades que não usam a força policial no controle dos “agitadores” da periferia atraem

certo tipo de nomadismo, o que possibilita locais onde a força juvenil pode manifestar-se com mais liberdade. Os jovens “arruaceiros” têm mais espaço para manifestar seu modo de ser, questionando os hábitos que, para eles, são hábitos de velhos, encontrando lugar para demonstrar seu amor ao barulho, sua permissão de fazer a noite ser o dia da juventude, etc. Demonstram isso na música, na irreverência, nos gritos e nas provocações ao “imposto” pelo costume.

- c) Os jovens precisam de espaços onde encontrem condições para construir sua identidade e para se encontrarem em sua afetividade, na busca de amizades, tanto da mesma idade como de sexo diferente. Eles vivem a dimensão da fuga no coletivo. Caracterizados pela busca de auto-afirmação e de identidade, encontram na massa (e não na manifestação individual) a afirmação de sua autonomia, do seu empoderamento ou do seu protagonismo. Escondem-se na massa para não serem questionados em sua busca de “liberdade”. Por isso sua vivência é mais coletiva, grupal, em forma de “gangues”. Nesse sentido, a cidade está possibilitando maior vivência grupal. O jovem se encontra no grupo, no coletivo, tanto para explodir para um protagonismo como para sua tendência à irreverência, à contestação do estabelecido e à sua luta por espaços próprios. Não há dúvida de que nunca houve tantas movimentações grupais como nos dias de hoje, em qualquer cidade e em qualquer região.
- d) O que alguns consideram “violência”, não é violência. É contestação, é necessidade de a juventude se afirmar. Querem que a cidade seja deles (dos jovens), não lhes agradando a frieza do estabelecido: com ruas limpas, retas, silêncios impostos e respeitos a costumes (que para eles são “imposição”). A violência pode ser, simplesmente, irreverência e desobediência. A busca de valores não estabelecidos não é tranqüila.
- e) É parcial a leitura da violência como sendo simplesmente roubo, assalto, assassinato... A

conseqüência das drogas é evidente, mas não é a única nem a causa mais forte. A contestação das instituições (sociedade com suas leis, escolas, igrejas, clubes, as normas policiais-cas dos *shoppings*...) não é tranqüila, tendo seus efeitos específicos no mundo juvenil.

- f) O processo de mudança dos paradigmas na sociedade atual tem uma fonte significativa no mundo juvenil: tanto na expressão política como cultural, religiosa, ética e econômica... A independência econômica, tão sonhada pelos jovens como um direito, e suas dificuldades de remuneração, assalariada (ou não), não deve deixar de ser considerada como uma das fontes da sublevação juvenil. Trata-se de uma situação nada pacífica. Quer-se exigir da juventude, mas não se toma em conta o quanto de violência existe no autoritarismo das instituições e das empresas.
- g) A violência raramente não tem nada (ou muito a ver) com a industrialização de uma região. O que é violento é a situação salarial, com suas conseqüências diretas ou indiretas na atitude das pessoas. O que é violento é encontrar uma sociedade que não sabe “mandar” com sabor de diálogo. Se o salário insuficiente do pai de família é uma situação de violência, o não ter um pai ou uma mãe para conversar certamente é violenta; ver-se que alguns podem estudar em colégio particular, com diversas chances de se “divertir” e outros têm que estudar em colégio público, sem limpeza, sem recursos pedagógicos, é algo que o jovem vive no seu dia-a-dia.
- h) Não influi somente a ausência de valores; mais violenta é a contradição dos valores afirmados por “costumes”, “autoridades”, “tradições” sem dar importância à transmissão progressiva e pedagógica dos valores (tradicionais ou não). Viver na periferia já é uma situação violenta em que tem violentados e violadores. A transmissão de convicções exige um processo de liberdade, e não de imposição. A luta pela autonomia não é algo que se impõe, sem deixar de ser conflitiva. Uma atitude pessoal não se constrói sem ter em conta o coletivo e a

utopia, isto é, uma felicidade que seja de todos, mas onde a minha felicidade pode ser encontrada (mesmo que não pronta). A consciência dessa situação está crescendo, tornando-se possível uma evolução progressiva tanto na sua forma de conquistá-lo como na forma de errar na sua conquista.

- i) A percepção da violência juvenil numa cidade que permite o anonimato não pode esquecer as características da construção de empodera-

mento dos jovens. Nisso a sociedade evoluiu, e muito, trazendo alegrias e riscos. Entra nisso a consciência dos direitos, a dificuldade em respeitar o direito dos outros, a descoberta do sentido dos limites etc. Para o jovem, essa descoberta é uma obrigação e, ao mesmo tempo, uma aventura, logicamente, com aspectos de contestação e de novidade. Nesse processo, está em jogo, também, a sanidade global de uma sociedade.

Referências bibliográficas

- AMADO, Janaína. *A revolta dos Muckers*. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. p.43.
- BAJOIT, Guy. *Todo cambia. Análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Santiago: LOM, 2003.
- BOHNEN, Aloysio; ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A atividade dos jesuítas de São Leopoldo*. São Leopoldo: UNISINOS, 1989.
- CIDADANIA, Instituto. *Perfil da Juventude Brasileira*. Pesquisa de opinião pública. Brasília: Sebrae, Instituto de Cidadania e Instituto de Hospitalidade, junho 2003.
- DICK, Hilário. *O imaginário religioso do estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos*. UNISINOS: Cadernos IHU, ano 1, n. 1, 2003.
- DROSTE, Rolf (org.). *Instituto Pré-Teológico: uma Escola Singular*. São Leopoldo: Editora Sinodal, s/d.
- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil 1808-1824-1974*. Traduzido por Guido Pabst. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.
- MOEHLECKE, Germano Oscar. *São Leopoldo era assim: o passado pela imagem*. São Leopoldo, 1982.
- MORAES, Carlos de Souza. *Feitoria do Linho Cântamo: documentação inédita*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.
- MORAES, Carlos de Souza. *Crônicas de minha cidade*. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.
- OLINTO, Maria Teresa Anselmo; COSTA, Juvenal Soares Dias da; MENDES, Karine Giane. *A saúde em São Leopoldo. Relatório 2000*. São Leopoldo: UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2003.
- PETRY, Leopoldo. *São Leopoldo berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul*. 2. ed. São Leopoldo: Prefeitura de São Leopoldo, 1964.
- RABUSKE, Arthur, S.J. *A secular matriz de São Leopoldo, RS*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa, n. 5, 1978.
- RUA GRANDE (revista). Edição especial sobre São Leopoldo. n° 1934, ano 38. São Leopoldo, 2003.
- SANDOVAL, Mario. *Valores Juvenis – Marco Teórico*. Texto mimeograf. Traduzido por Cátia Andressa da Silva.
- TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850*. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.
- ZERO HORA, edição de 16 de junho de 2003. A saúde em São Leopoldo. Morte de Jovens – está ligada à violência e gravidez.
- WEGNER, Maraike. *Relatório Noites Nômades sobre a vida noturna em São Leopoldo*. Mimeograf.
- WERB, Lauri Arthur (org.). *Sinodal Lembra...* São Leopoldo: Editora Sinodal, s/d.
- TRANSCRIÇÃO das entrevistas com Alfredo Culleton, Helenara Silveira Fagundes, Ana Ruschel, Edson Tomazzini, Gustavo Fischer, Adevanir Aparecida Pinheiro e Sérgio Soares.
- TRANSCRIÇÃO do grupo focal de adultos da Vila Progresso, 28 de junho de 2004, na ONG “Meninos e Meninas de Progresso”.
- TRANSCRIÇÃO do grupo focal de adolescentes de 14 a 17 anos, 15 de abril de 2004, na antiga sede da UNISINOS.
- TRANSCRIÇÃO do grupo focal de jovens de 18 a 30 anos, 15 de maio de 2004, no Centro Comunitário da igreja do Rosário, em São Leopoldo.
- TRANSCRIÇÃO do grupo focal de adultos, 28 de junho de 2004, na UNISINOS.
- RESUMO das visitas realizadas a algumas instituições leopoldenses que realizam trabalhos com adolescentes e jovens: 1) Apoio Solidariedade e Prevenção à Aids (ASPA); 2) Conselho Tutelar de São Leopoldo; 3) Programa Escolas Integradas (PEI); 4) Projeto de Assistência, Misericórdia e Evangelismo (PROAME); 5) Programa de Unidades Móveis de Saúde Coletiva (PRUMO); 6) Serviço de Atenção, Pesquisa e Estudos com Crianças e Adolescentes (SAPECCA); 7) Serviço de Assessoria e Pesquisa Psicológica à Rede de Ensino (SAPRE).

Anexo

Aspectos do fenômeno juvenil brasileiro

Realidades e valores¹⁷

Hilário Dick

Estudando a realidade juvenil da cidade de São Leopoldo, com 202.000 habitantes, no Sul do Brasil, não deixamos de estar frente a uma realidade muito particular. Uma pergunta que fazemos e nos é formulada, refere-se à situação da juventude mais ampla, isto é, gaúcha e brasileira. Queremos saber se o que acontece lá, também acontece aqui ou vice-versa. É uma curiosidade que nos persegue e incomoda muita gente desejosa de compreender melhor o fenômeno juvenil brasileiro. É verdade que aparecem pesquisas, oferecendo dados, mas suas leituras encomendadas não deixam de ter, por vezes, certo sabor sensacionalista e nem sempre satisfazem. Baseamos a presente leitura do fenômeno juvenil brasileiro na pesquisa do Projeto Juventude, do Instituto Cidadania¹⁸ (fim de 2003), que se valeu de dados de outra pesquisa, realizada em áreas metropolitanas pela Fundação Perseu Abramo (1999). Estamos partindo da coleta quantitativa de alguns dados, com vontade de descobrir as janelas que eles apresentam.

Uma primeira aproximação

Fragmentos de uma fotografia

O Brasil tem uma população de 34.1 milhões de pessoas entre 15 e 24 anos¹⁹, representando 20,1% da população geral. Desse total, 32% têm de 15 a 17 anos, 30%, de 18 a 20 anos e 38%, de 21 a 24 anos. Se considerássemos como “jovem” as pessoas de 29 anos, inclusive, teríamos um total de 47 milhões de jovens. Dessa população “jovem” (15 a 24 anos), 44% são brancos e 42% são negros/pardos. No Sul, os brancos chegam a 75% e, no Nordeste, a 34%. Os negros/pardos no Norte e no Centro-Oeste do Brasil chegam a 50%.

Dessa população “jovem”, 52% estão no Ensino Médio (no Sudeste, 61%), 42% estão no Ensino Fundamental e 6% estão na Universidade (13% no Sul e 3% no Nordeste). Trinta e seis por cento desses jovens trabalham. Dos jovens de 21 a 24 anos, 63% dos rapazes e 34% das meninas trabalham. Nessa mesma faixa etária, 32% dos

17 “*Às margens juvenis de São Leopoldo*” levou-nos à localização do desafio juvenil numa cidade concreta. É importante – mesmo que de modo sintético – situar-nos frente à realidade juvenil mais ampla. Anexamos, por isso, a essa publicação, alguns dados sobre a juventude brasileira, girando em torno da questão dos “valores”. Esperamos que tenhamos selecionado dados significativos. A juventude brasileira está merecendo, nos últimos tempos, variados estudos, em grande parte, baseados nos resultados da mesma pesquisa que nos vai orientar.

18 Essa pesquisa foi realizada sob a responsabilidade técnica da Criterium Assessoria em Pesquisa, em parceria com o SEBRAE e o Instituto de Hospitalidade, de 23 de novembro a 8 de dezembro de 2003. Valoriza e retoma temas de outra pesquisa feita pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo em 1999. Trata-se de um estudo realizado em áreas urbanas e rurais junto a 3501 jovens de 15 a 24 anos, em 198 municípios. É uma leitura de 240 lâminas com o resultado numérico das entrevistas.

19 Considerando que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, a pessoa é considerada “adolescente” até os 17 anos completos, os dados que vamos analisar inclui a opinião de “adolescentes” e de “jovens”.

rapazes e 46% das meninas, já trabalharam, mas estão desempregados.

Se 81% desses “jovens” *vivem* na cidade, só 71% *criaram* na cidade. Dos “jovens” que são rurais, 19% vivem no campo, mas 22% viveram aí a maior parte de sua infância.

Os dados dizem que, do total dessa população, 15% participam de algum grupo jovem, principalmente os rapazes de 15 a 17 anos. Os grupos mais freqüentados (a percentagem se destaca bastante) são os de igreja.

Noventa e um por cento (91%) desses jovens se orgulham de serem brasileiros, trazendo como motivos a vivência pacífica e as características naturais de nosso país. Oito por cento (8%) afirmam que têm vergonha de serem brasileiros em virtude da corrupção dos políticos e dos roubos dos governantes.

Temos, assim, dados iniciais que destacam: a) a amplitude do mundo da pesquisa com a obrigação de falar em “juventudes”; b) a questão racial, atendo-nos aos brancos e negros/pardos, sem entrar em pormenores; c) a questão da educação, sem falar do analfabetismo; d) o capítulo do “urbano” e do “rural”; e) um rápido dado da vivência grupal dos “jovens”²⁰; f) o espírito patriótico (nacionalista?) desta juventude, envolvida por uma globalização que esquece, muitas vezes, particularidades culturais.

Ser jovem

Leva-se muito tempo para ser jovem (Picasso)

Destacamos algumas respostas à pergunta formulada para eles (jovens” de 15 a 24 anos) sobre o que significa ser jovem.

Em primeiro lugar, 74% afirmam que há mais coisas boas do que más em ser jovem. É uma declaração, inclusive, que mostra certa ascensão. As melhores coisas de ser jovem são, principalmente, o não ter preocupações nem responsabilidades e o fato de aproveitar a vida e viver com ale-

gria. As piores coisas de ser jovem, afirmadas com mais veemência, são a convivência com os riscos (isto é, as drogas), a falta de liberdade (citam o controle familiar) e a falta de trabalho e de renda.

Em segundo lugar, os seis problemas que *mais preocupam* o “jovem” de 15 a 24 anos são a segurança, a violência, o emprego, a profissão, as drogas e a educação. Por outro lado, os assuntos que *mais interessam* a este segmento da população são a educação, o emprego, a cultura (lazer/esportes) e os relacionamentos amorosos. Os interesses e as preocupações se encontram e desencontram.

Os principais assuntos que gostariam de discutir com os pais, amigos e com a sociedade são:

Pais	Amigos	Sociedade
Educação	Drogas	Educação
Drogas	Sexualidade	Desigualdade e pobreza
Ética e moral	Esportes	Drogas
Sexualidade	Arte	Política

Destacamos: 1) que os “jovens” não querem discutir sexualidade com a sociedade, mas política; 2) que não se discute educação nem problemas sociais com os amigos; 3) que as drogas aparecem nos três espaços.

Levados a concordar ou discordar com seis afirmações relacionadas ao futuro deles, temos o seguinte quadro:

Afirmação	Concorda	Discorda
Quando penso no futuro, tenho mais dúvidas do que certezas	82%	18%
Quando penso no futuro, vejo mais riscos do que possibilidades	62%	37%
Experiências interessantes no presente são mais importantes do que me preocupar com o futuro	57%	43%
Para se sair bem, é melhor arriscar-se do que ser cuidadoso	55%	45%
Não adianta fazer projetos, porque o que acontece depende mais da sorte do que do esforço	42%	57%
O passado é cheio de lembranças ruins que prefiro não lembrar	38%	62%

20 Quando colocamos “jovens” (entre aspas) queremos referir-nos ao fato de os dados oferecerem elementos que são tanto de adolescentes como de jovens, de fato.

Numa leitura rápida destas respostas, vemos que o “jovem” é movido pela dúvida, pelo risco (embora tenha consciência da importância de ser cuidadoso), pelo não-fatalismo e pelo respeito à história.

Expressando-se sobre os novos direitos que os “jovens” deveriam ter, podemos distinguir os direitos sociais e os direitos individuais (civis). Entre os direitos sociais, destacam-se o trabalho/emprego, a educação (com ênfase ao direito à Universidade), o combate às drogas, ao álcool e à violência (falam do poder sair de casa sem medo) e o lazer/esporte e cultura. Entre os direitos individuais apontados, temos a liberdade e a maioridade antes dos 18 anos.

Uma outra questão perguntava sobre a opinião dos “jovens” se, conforme eles, é melhor ser homem ou ser mulher. Cinquenta e oito por cento (58%) disseram que é melhor ser homem e 32% afirmaram que é melhor ser mulher (as duas, aliás, mostram certa ascensão). Ao passo que 90% dos rapazes afirmaram que é melhor ser homem, 61% das meninas declaram que é melhor ser mulher. O “tanto faz” fica com 7% entre os rapazes e 10% entre as meninas. Podem estar em jogo o machismo, a auto-estima e a questão de gênero.

Religião

Há uma brasa que não se apaga...

Embora a religião esteja em 13º lugar, entre os assuntos que mais interessam atualmente a eles/as e nem seja citada entre os assuntos que gostariam de discutir com os pais, 65% dos/as “jovens” do Brasil afirmaram ser da religião católica e 22% praticantes da religião evangélica. Ressaltamos, contudo, um outro dado: entre os valores mais importantes para uma sociedade ideal, o temor a Deus vem em 4º lugar e a religiosidade em 8º lugar (entre 8 opções). O temor a Deus, como opção única, entre sete, está em 1º lugar e a religiosidade (entre sete), em 4º lugar. Fica claro que falar de “Deus” e de “religiosidade” não é o mesmo que falar de “religião”. Acei-

ta-se a religiosidade, mas resiste-se ao formalismo da religião.

Entre as instituições mais importantes para o amadurecimento do/a “jovem”, a igreja está em 5º lugar, depois da família, da escola, da rua e do trabalho. A igreja ocupa o 4º lugar (entre seis) dos espaços onde o/a jovem faz mais amizades. Os dados também dizem que a igreja, como espaço de amadurecimento, é mais importante para as meninas.

Um terceiro dado, com respeito à religião entre os/as “jovens”, diz que a igreja e os padres católicos constituem a terceira instituição na qual eles/as mais confiam totalmente (depois da família e depois dos professores/as). Os dados apontam, contudo, um decréscimo nessa confiança. A igreja e os pastores evangélicos estão em 9º lugar.

Um último dado refere-se à vivência grupal. O grupo religioso é a associação que, com muita vantagem, tem a maior participação de “jovens”. Podemos dizer que a ânsia de ser grupo é atendida, na medida em que leva à descoberta do outro/a em sentido amplo.

Política

A irmã não reconhecida...

Os dados dizem que a “política” não é um problema que preocupa ou interessa aos jovens brasileiros, embora a administração política do Brasil apareça em 10º lugar (entre 15 diferentes assuntos). Contudo, como vimos acima, é um dos assuntos sobre os quais gostariam de discutir com os pais e a sociedade. Além disso: 1) a política é citada como o 4º principal problema do Brasil; 2) é um dos motivos citados pelos quais se tem vergonha de ser brasileiro; 3) é um dos sonhos do “jovem” para mudar o mundo; 4) as políticas de governo estão como o 5º fator mais importante para sua vida como jovem, hoje. Nas entrelinhas aparentemente contraditórias, há uma postura política que se vai afirmando.

Os jovens querem políticas de saúde para eles, políticas de acesso ao emprego, políticas de cultura, esporte e lazer tanto nas escolas

como nas áreas públicas. Além disso, querem Centros de Juventude e políticas de acesso à terra. São dados que apontam uma utopia certa e necessária.

Os jovens negam veementemente a participação em partidos políticos, mas 37% declararam, também, perceber que a política influi muito na vida pessoal (32% disseram que influi pouco). Isso vale tanto para os rapazes como para as meninas, especialmente de 21 a 24 anos. Cinquenta e cinco por cento (55%) afirmaram que o/a jovem não influi na política por falta de interesse, mas 65% lêem noticiários sobre política ou assistem a eles. Cinquenta e quatro por cento (54%) declararam que a política é muito importante e 33% asseguraram que ela é mais ou menos importante. No todo, 87% dos/as “jovens” afirmaram a importância da política. Essa percentagem aumenta nos jovens de nível universitário. Quando falamos em “apatia”, devemos pensar muito bem o que isso quer significar.

Embora 53% dos/as “jovens” afirmem que a democracia é melhor que a ditadura, o “tanto faz” mostra certa ascensão. Olhando o espectro político desse segmento da população brasileira, vemos que 32% são da direita, 27%, da esquerda e que 52% deles dizem que o socialismo nunca foi uma boa solução para os problemas sociais. Está em jogo a democracia que praticamos e o socialismo que, em grande parte, lhes foi “mostrado”.

Para resolver os problemas do Brasil, o melhor é a participação da população nas decisões. Isso é afirmado por 59%, ao passo que 19% sofram com um líder forte. Outro dado que aparece é que 68% dos “jovens” concordam em que a política seria melhor se tivesse mais mulheres em pontos importantes. Isso é, afirmado, contudo, mais pelas meninas do que pelos rapazes (79% x 59%).

Quanto aos partidos políticos, os preferidos são o PT (27%) e o PMDB (7%), em todos os níveis escolares. São estes os partidos que contam, igualmente, com a maior rejeição. O presidente Lula está entre as seis personalidades que os/as “jovens” mais admiram. Os partidos são consi-

derados “muito importantes” para o País por 47% (com os universitários essa percentagem é de 55%) e 39% “muito importantes” para os jovens.

Em relação a esse campo da política, chamaríamos a atenção para dois outros dados: 1) quanto aos direitos humanos dos presos e bandidos. Assim como 40% disseram que eles devem ser respeitados em parte, 36% afirmaram que não devem ser respeitados e 18%, que devem ser respeitados totalmente. É verdade que estamos mais numa questão cidadã e humanitária, mas é um assunto que vai explodir, de uma forma ou de outra, na política; 2) os/as “jovens” declararam que a droga não é questão de polícia, mas de tratamento médico e 91% deles/as concordam com a presença da polícia nas escolas. Embora se trate de segurança e de saúde, as respostas denotam posturas políticas e pedagógicas de um construtor de comunidade, isto é, de um determinado modo de ser político.

Trabalho

O sabor do suor...

O desemprego é, sem dúvida, o maior tormento do jovem brasileiro neste momento. Como ele mesmo diz, é a terceira pior coisa de ser jovem... Pelos dados, 36% dos “jovens” estão trabalhando e 32% deles já trabalharam, mas se encontram desempregados. Dos que trabalham, 60% estão no mercado informal e 34% no mercado formal. Vinte e sete por cento (27%) têm carteira assinada e 37% não. Oitenta e oito por cento (88%) dos “jovens” de 15 a 17 anos estão no mercado informal; dos “jovens” de 21 a 24 anos, 46% se encontram no mercado formal. Percebemos, contudo, que, apesar de afirmarem que o desemprego é o principal problema e dizem que conseguir emprego/trabalho é o principal motivo para achar que a vida vai melhorar, o emprego/profissão não é assunto de conversa, nem com os amigos.

Para uma sociedade ideal, a dedicação ao trabalho está como o 6º valor mais citado. O conceito

associado ao trabalho é “necessidade”. Isso se torna mais dramático, considerando que 35% dos rapazes e 48% das meninas de 21 a 24 anos se encontram desempregados/as há mais de um ano.

Um outro dado revelador é que, tanto os rapazes como as meninas (57%) dos que ganham salário, dão uma parte para a família. Quem fica mais só para si é a menina.

A maioria conseguiu emprego por indicação (47%) ou com a ajuda dos pais (24%). A média de idade do primeiro emprego é 15 anos e 6 meses.

Se fosse dada uma oportunidade para exercerem um trabalho, 53% prefeririam fazer um “trabalho social”, destacando-se a educação, o lazer/esporte e ações coletivas.

O trabalho é o primeiro “novo direito” que o jovem deveria ter, antes até de educação. Para o “jovem” é o direito social coletivo mais importante, ao lado da saúde e da educação. Não se pode esquecer que o trabalho, mais do que exercício da criatividade e mais do que fonte de realização humana, é encarado como “necessidade” e fonte de lucro.

Educação

A educação, isto é, o estudar e o adquirir conhecimentos é a 4ª melhor coisa de ser jovem. É o assunto que mais interessa atualmente aos jovens e é a 4ª preocupação que o jovem explicita. Podemos dizer que a educação rivaliza em importância com o futuro profissional. É um dos assuntos sobre os quais o jovem gostaria de discutir com os pais e com a sociedade. Poder estudar é um dos motivos para achar que a vida vai melhorar.

Os dados dizem, ainda, que a escola (para os jovens) é a terceira instituição mais importante para o desenvolvimento da pessoa. Ela é, também, o segundo lugar onde o “jovem” faz mais amizades, destacando-se nisso, positivamente, as meninas.

Há, contudo, sérios problemas. Observamos que 8% dos “jovens” não sabem ler nem escrever e que a percentagem vai até 21% com os rapazes de 18 a 20 anos. A pesquisa também diz que 47%

das meninas de 18-20 anos observaram que é difícil ler e escrever. Segundo os dados do IBGE, em 1997, 15% dos jovens com mais de 15 anos eram analfabetos. No estado de Alagoas, esta percentagem chegava a 36%.

Oitenta e nove por cento (89%) dos jovens estão em escola pública e 76% receberam sua formação só na escola pública.

Avaliando a escola, 39% dos jovens dizem que a escola está ligada nas questões atuais e 58% afirmam que a escola entende os jovens. Será que, por isso, 20% deles quer trabalhar em educação?

Os universitários, no espectro político, estão mais à esquerda. Os colegas de escola, contudo, estão somente em 8º lugar no grau de confiança, enquanto os professores, no aspecto da confiança, estão em 2º lugar, logo após a família.

Dos direitos sociais, a educação é o segundo mais importante. Na questão da “educação não-formal” e dos direitos aos lazeres que incluem a cultura, os dados revelam que 39% dos “jovens” nunca foram ao cinema; que 62% deles nunca foram ao teatro; que 59% nunca foram a um só *show* de rock; que 62% nunca foram a um concerto de música clássica. Um fato curioso nos diz que 72% das meninas nunca foram a uma sala de jogos eletrônicos.

Sexualidade e gênero

Os dados sobre a sexualidade são muito mais difundidos. Começamos por algumas diferenças entre homens e mulheres: 1) 63% dos rapazes e 34% das meninas de 21 a 24 anos estão trabalhando; 2) 2% dos meninos e 13% das meninas de 21 a 24 anos afirmaram-se virgens. Esse dado, contudo, toma uma feição especial, quando notamos que 16% dos rapazes e 34% das meninas de 15 a 24 anos disseram ser virgens; 3) 52% dos rapazes e 30% das meninas de 15 a 17 anos já tiveram relação sexual; 4) 77% dos meninos contra 59% das meninas de 15 a 24 anos já tiveram relação sexual; 5) 55% das meninas e 28% dos rapazes de 21 a 24 anos têm filhos, 78% dos “jovens” de 15 a 24 anos têm filhos e 73% dos “jovens” são totalmente

contra o aborto. Vinte por cento (20%) dos rapazes e 47% das meninas têm filhos antes dos 18 anos. Nesse caso, segundo os homens, 63% das paternidades e 53% das maternidades não foram planejadas. Quanto à educação desses filhos, 72% das meninas têm que cuidar das crianças sozinhas, sendo 43% delas chefes de família.

Embora a sexualidade seja o segundo dos temas desejados para a discussão com os amigos, é o 8º assunto considerado importante para ser discutido com a sociedade.

Quanto às figuras do pai e da mãe, é claro que o papel da mãe está em primeiríssimo lugar.

Observamos, no entanto, que – para os rapazes – a figura do pai cresce em atenção conforme o avançar dos anos.

Já vimos que 58% dos “jovens” declaram que é melhor ser homem e 32% que é melhor ser mulher. Observamos que 27% das meninas afirmaram que é melhor ser homem. Em outra pergunta, contudo, 88% disseram estar satisfeitos com a vida em relação à sexualidade. Sobre o amor asseguraram estar satisfeitos 49%. Quem está, novamente, mais insatisfeito são as meninas.

Num quadro de concordâncias e discordâncias, queremos acentuar algumas afirmações:

Afirmação	Concorda Homem	Discorda Homem	Concorda Mulher	Discorda Mulher
Seria justo se os homens dividissem as tarefas domésticas com as mulheres.	82	18	90	9
A política seria melhor se tivesse mais mulheres em postos importantes.	59	36	79	21
É principalmente o homem quem deveria sustentar a família.	59	41	51	49
Nas decisões importantes, é justo que o homem tenha a última palavra.	50	50	27	72

Verificamos que: 1) a tendência mais clara de todos é aceitar que a tarefa doméstica não é só das mulheres; 2) o fato de a última palavra, em questões importantes, ser dos homens, assim como divide a opinião dos rapazes, deixa evidente a discordância das meninas com a afirmação; 3) uma questão que fica na zona do conflito é a que fala da responsabilidade do sustento da família.

Enquanto os rapazes têm sua primeira relação sexual aos 14 anos, as meninas a têm aos 16. Trinta e seis por cento (36%) dos “jovens” consideraram sua última relação sexual com o/a parceiro/a como “eventual” e 63% “estável”. Cinquenta e cinco por cento (55%) das meninas consideraram sua última relação como “eventual”. A última relação dos rapazes foi com namoradas e amigas; a última relação das meninas foi com namorados e amigos. Enquanto 79% dos rapazes nunca levaram a namorada a dormir em casa, em relação às meninas, esse percentual sobre para 88%.

A cultura dos “jovens”

A “vivência” também entra na cultura que vivemos e construímos

A cultura e o lazer são o terceiro assunto que mais interessa aos “jovens”. Deixa-se de ser jovem, para os “jovens”, quando se tem maturidade e responsabilidade (32%), quando se começa a formar família, tendo filhos (31%) e com a idade (12%).

Os valores considerados mais importantes pelos jovens são a solidariedade, o respeito às diferenças, a igualdade de oportunidade e o temor a Deus. Defendem, também, que, na questão do casamento com o mesmo sexo, na questão de o aborto deixar de ser crime e no uso da maconha ser crime, é importante terem suas idéias, mas não querer convencer os outros. Cinquenta por cento (50%) dos “jovens” são contra a legalização da pena de morte; 52% são contra a união das pessoas do mesmo sexo; 80% são contra o fato

de o aborto deixar de ser crime e 54% são contra o serviço militar obrigatório.

Falando em cidadania, o “jovem” pensa em direitos individuais (principalmente em igualdade, respeito e liberdade) e em comportamentos do cidadão.

- 69% dos rapazes e 64% das meninas nunca se sentiram discriminados; 94% dos rapazes e 91% das meninas nunca sofreram violência familiar.
- As atividades mais vividas pelos “jovens” são assistir à TV, ouvir rádio, encontrar amigos, ajudar em tarefas da casa e namorar.
- Personalidades mais admiradas pelos jovens brasileiros são Aírton Senna (de longe), Xuxa e Renato Russo.
- Os tipos de música mais ouvidos são a música sertaneja, o *rock* e o pagode. O samba está em 7º lugar, principalmente para “jovens” dos 18 aos 20 anos.
- 49% costumam ler jornal e 51% não têm o hábito de ler jornais; 67% costumam ler alguma revista e 32% não leram nenhum livro. Entre os autores citados, como lidos, estão Paulo Coelho, José de Alencar e Machado de Assis.
- 74% dos “jovens” nunca fumaram cigarros.
- 61% dos rapazes e 44% das meninas costumam tomar bebida alcoólica; 77% dos rapazes e 59% das meninas começaram a experimentar a primeira vez aos 13 anos.
- A idade de experimentar a maconha, principalmente, é dos 17 aos 18 anos, já a experiência do uso do *crack* se dá aos 16 anos (rapazes) e 15 anos (meninas).
- 75% dos “jovens” afirmam que deve diminuir a idade penal. Quem afirma isso, principalmente, são os rapazes de 21 a 24 anos.
- 54% dos jovens nunca perderam uma pessoa próxima em morte violenta, mas 46% sim, sendo a maioria amigos/as; 62% morreram assassinados e 34% morreram no trânsito. Vinte e seis por cento (26%) dos

rapazes já foram assaltados e 88% das meninas de 15 a 17 anos nunca foram assaltadas. Cinquenta e sete por cento (57%) dos rapazes e 27% das meninas já seguraram na mão alguma arma de fogo.

À guisa de conclusão: Desafios culturais²¹

Para onde apontam os dados aqui sintetizados? Há, nisso tudo, a emergência de novos valores ou os jovens dizem o que já sabíamos? Há desafios que ficam confirmados? Tendo como pano de fundo uma questão central da personalidade do jovem e, ao mesmo tempo, um paradigma que se constrói na medida em que a evolução do universo toma dimensões fantásticas, perguntamo-nos – após a leitura ligeira destes dados – se a busca de autonomia, por parte do jovem, pode ser considerada como um fenômeno que marca presença. Se olharmos, por exemplo, os desafios que os números levantam, podemos perceber que eles apontam para quatro, de modo especial.

1) Desafios externos

Em primeiro lugar, apresentam-se desafios externos ao jovem. Referimo-nos, por exemplo, à questão da amplitude do espaço observado. Além de muitos outros dados que suscitam diferenças (classe social, gênero, cultura...), a geografia não é só um limitante externo. Leva-nos a reafirmar a questão das “juventudes”. A juventude não é algo uniforme; dentro dela movem-se muitas realidades que precisam ser consideradas. Em segundo lugar, está a questão do relacionamento do mundo urbano com o mundo rural. Vivemos uma geração juvenil que ainda não é de todo urbana, mesmo vivendo na cidade; temos uma geração rural que está nos inícios da influência “urbana” e afirma, ao mesmo tempo, com mais veemência a realidade rural.

21 A leitura que fazemos opta pela dimensão “cultural”, sabendo que poderíamos apontar desafios em outros campos, como, por exemplo, o político, exigira outra pesquisa e outra seleção dos dados existentes.

Outro desafio que chamamos de “externo”, refere-se ao capítulo do desemprego e do sentido do trabalho, com suas seqüelas cada vez mais evidentes. É um tormento produzido pelos adultos e herdado pelos jovens. Assim como o emprego é uma herança que toma feições “antigas”, velha também é a forma como se encara o próprio trabalho.

Como terceiro desafio externo, apresentamos uma realidade de que o jovem necessita e deseja sumamente. Referimo-nos ao lazer, ao esporte e à cultura. Chocam-se, aqui, dois mundos: o mundo dos adultos cego e resistente em oferecer mais oportunidades a um aspecto juvenil fundamental para a construção de sua personalidade e o mundo da dificuldade experimentada pelo jovem de começar a ser construtor de seu mundo. Exige-se do jovem que faça “o que não aprendeu ainda” e falta pedagogia para abraçar essa “novidade”.

2) Desafios culturais

A juventude é levada, por outro lado, a de frontar-se com posturas culturais sedimentadas por séculos. Uma delas refere-se à questão das raças. Além de o Brasil carregar no seu bojo a tradição da escravidão negra, não podemos deixar em segundo plano o fato de, praticamente, 50% da população juvenil não ser branca, mas, principalmente negra e parda. Toca à juventude viver e enfrentar, na pele, essa herança racista.

Um segundo aspecto “cultural” refere-se à religiosidade num país em que o catolicismo, por muitos séculos, foi considerado como a única religião “oficial” ou onde a “tradição” conotava que “era conveniente” ser católico. É claro que a busca de autonomia, típica do jovem, leva-o a procurar outras formas de comportamento quanto à vivência religiosa que respira em todos os cantos, através de muitas ofertas. De maneira semelhante, apresenta-se a questão da família. Por isso o fato de encontrar-nos frente a uma postura muito contraditória: ao mesmo tempo que quase absolutizam o valor familiar, rejeitam a família que, no geral, enxergam.

Um terceiro aspecto do “cultural” refere-se à educação, no seu todo. A escola é considerada fundamental, mas os jovens têm dificuldades em aceitarem-se como “estudantes”. Mesmo que sejam benevolentes na avaliação que fazem dela, a aquisição do saber é, ainda, algo muito “externo”, simplesmente para ter sucesso ou êxito na vida “profissional”, na simples luta pela sobrevivência, e não numa forma humana de ser.

Por último, ainda sobre os desafios culturais, levantamos a questão da “consciência moral”. Como amadurecer uma postura ante questões de sexo, de aborto, de pena de morte, de respeito aos infratores da ordem e da lei se, ao seu redor, enxergam corrupção, roubo e hipocrisia por parte dos educadores adultos?

3) Desafios no mundo relacional

Está mais do que evidente que, apesar de toda a exploração midiática do individualismo e do “salve-se quem puder”, a vivência grupal – em sentido amplo – está na onda. A vivência grupal dos “jovens” é a encarnação mais visível da sua vocação para o comunitário e para a participação. Talvez seja esse um dos gritos mais fortes da juventude brasileira atual. As próprias políticas públicas estão fadadas ao fracasso se este capítulo não tiver uma atenção muito especial. O jovem quer construir sua autonomia não de forma isolada: ele quer fazê-lo de forma participativa e de modo comunitário.

Nesse desafio, colocamos, igualmente, a questão dos direitos humanos e da violência. Como a própria pesquisa deixou entrever, trata-se de “novos direitos do jovem”. Embora a luta pela autonomia nem sempre seja pacífica, os empecilhos podem ser enfrentados com violência. Não é que o homem seja violento; é que o contexto toma as feições da violência, mesmo que queira dar-lhe contornos de “legitimidade”. O fato de uma percentagem tão alta de jovens morrerem por causas externas, os principais culpados não são eles. Assim como são agredidos, a sociedade não está sabendo acompanhar seu processo de empoderamento.

4) Desafios no modo de ser

Assim como a sociedade em geral vai conquistando novos direitos, o segmento que mais encarna essa nova conquista são os jovens. A humanidade não é estanque; a humanidade não está completa. Quem sente isso, de forma existencial, são os jovens e é por isso que a sanidade social depende do vigor da juventude. Chama a atenção, por isso, a contradição que observamos no mundo dos interesses e das preocupações dos jovens, na busca desenfreada e, ao mesmo tempo, na vivência sexual. A AIDS aparece, de repente, como um fator com o qual não se contava... A onipotência juvenil encontra algo que assusta, mas mesmo assim é enfrentada.

Um outro aspecto desse “modo de ser” é a esperança. Apesar de querer o imediato, a postura

frente ao futuro é real. Poderíamos dizer que, apesar de tudo, o jovem não deixou de ser idealista, isto é, alguém que acredita que a construção da felicidade ainda é real. Onde isso se mostra de forma bastante evidente é na forma como se encara o que é chamado de “política”. Mesmo que a política, em suas diversas traduções, seja rejeitada de forma vigorosa, não morreu no jovem o ser político.

Um último aspecto desse modo de ser relaciona-se ao mundo das drogas, inserido, na maioria das vezes, no mundo da violência. O que o jovem quer, por vezes de forma um tanto esquizofrênica, é a vida que começou a experimentar e da qual vai tomando consciência. Apesar dos suicídios de jovens, o que eles querem é a vida. Tudo que se lhes apresenta como atentado contra essa vida que explode, é rejeitado.